

Ordem dos Frades Menores



**ENVIADOS
A EVANGELIZAR
EM FRATERNIDADE
E MINORIDADE
NA PARÓQUIA**

Subsídio para a pastoral paroquial

*aos cuidados do
Secretariado geral para a Evangelização*

*Cúria geral OFM
Roma 2009*

INDICE

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 5 |
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 1. A PARÓQUIA PORÇÃO DO POVO DE DEUS..... | 11 |
| 1. A paróquia na Igreja..... | 13 |
| 2. Alguns desafios..... | 14 |
| 1. <i>Contexto sócio-cultural e religioso</i> | 15 |
| 2. <i>Contexto eclesial</i> | 16 |
| 3. <i>Opções para a renovação da paróquia</i> | 17 |
| 2. OS FRADES MENORES E A PARÓQUIA..... | 21 |
| 1. À luz da historia..... | 23 |
| 2. À luz de situações específicas..... | 25 |
| 3. À luz da legislação da Ordem..... | 27 |
| 3. LAS CARACTERÍSTICAS FRANCISCANAS | |
| DA PASTORAL PAROQUIAL..... | 31 |
| 1. Testemunhas e servidores da Palavra (martyria)..... | 33 |
| 1. <i>A Fraternidade e a Palavra</i> | 33 |
| 2. <i>A Fraternidade a serviço da Palavra</i> | 37 |
| 2. Adoradores em espírito..... | 42 |
| e verdade com todas as criaturas (liturgia)..... | 42 |
| 1. <i>Fraternidade eucarística</i> | 42 |
| 2. <i>A Fraternidade evangeliza com a liturgia</i> | 45 |
| 3. Sinais e agentes de comunhão (koinonia)..... | 49 |
| 1. <i>A Fraternidade, testemunha de comunhão</i> | 49 |
| 2. <i>A Fraternidade a serviço da comunhão</i> | 50 |
| 4. Contentes entre os pobres e promotores de paz (diaconia) | 53 |
| 1. <i>A Fraternidade testemunha da minoridade</i> | 54 |
| 2. <i>Uma Fraternidade que serve no coração do mundo</i> | 55 |
| 5. Enviados ao mundo inteiro (missio)..... | 58 |
| 1. <i>A Fraternidade vive a missão</i> | 58 |
| 2. <i>A Fraternidade missionária constrói a paróquia missionária</i> | 62 |

APRESENTAÇÃO

Estamos em 2009, ano do VIII Centenário da fundação de nossa Ordem. É um evento providencial para viver com renovado entusiasmo aquilo que somos por nascimento: uma Fraternidade-contemplativa-em-missão. Com efeito, Francisco enviou-nos ao mundo para anunciar a Boa Nova com a vida e com a palavra. Esse mandato inclui também nossa disposição de pôr-nos a serviço das Igrejas locais no ministério paroquial, com variada gama de serviços, em Países e em situações muito diferentes, e com o empenho de um número consistente de Frades.

O presente *Subsídio*, “Enviados a evangelizar em fraternidade e minoridade na paróquia”, que tenho o prazer de lhes apresentar, pretende oferecer uma ajuda à nossa Fraternidade universal, sobretudo às Fraternidades presentes e operantes nas paróquias, para realizar essa forma particular de evangelização segundo os valores de nosso carisma, em particular, os da fraternidade e da minoridade.

O atual contexto apresenta grandes desafios à evangelização nas paróquias. No *Subsídio* faz-se referência aos fenômenos da globalização, das novas tecnologias, da urbanização, do pluralismo cultural e religioso, que geraram profundas mudanças em diversos setores da vida das pessoas, das famílias e das comunidades. Por um lado, oferecem novas possibilidades para o anúncio do Evangelho, para a vida eclesial e para a possibilidade de uma pastoral mais missionária; por outro, introduzem complexos e novos problemas, que podem tornar mais complicada a vida social e comunitária, ou mais difícil a renovação da pastoral paroquial.

Compete às Fraternidades inseridas nas paróquias ler e interpretar os sinais dos tempos em seu contexto concreto e aceitar as orientações da Igreja local a respeito da evangelização no contexto da pastoral paroquial. Sobre isso, permito-me recordar o que escrevi no relatório para o Capítulo geral extraordinário de 2006: “Sem deixar de prestar atenção à ação litúrgica, à administração dos sacramentos e às práticas de devoção, devemos trabalhar para recuperar a centralidade da fé, motivando os batizados a serem agentes ativos da evangelização. Sem esquecer os cristãos empenhados na construção do Reino, devemos voltar nosso olhar sobretudo para a multidão dos batizados não evangelizados, para as novas realidades de

nosso tempo, para a imensa mobilidade das pessoas e para o extraordinário fenômeno da migração. Sem esquecer ‘as noventa e nove ovelhas do redil’, devemos sair à procura da ‘ovelha perdida’, porque também ela é destinada ao Reino” (n. 82).

Além disso, desejo destacar a importância fundamental, bem evidenciada no *Subsídio*, da caracterização franciscana de nosso modo de evangelizar nas paróquias. Com efeito, o problema não é assumir ou não o ministério paroquial, mas desenvolvê-lo como Frades menores. Nesse sentido, nas reflexões sobre nosso modo de estarmos presentes e de realizar o ministério paroquial, o Subsídio leva em conta aspectos específicos de nosso carisma. Além de indicar as modalidades dessa forma de evangelização em base à nossa legislação, no capítulo III, o texto apresenta de modo propositivo as características franciscanas da pastoral paroquial. Nele se oferece uma ajuda prática de unir o serviço paroquial com nossa vida franciscana e harmonizar as exigências inerentes ao ministério paroquial com o *proprium* do Frade menor. Tal contribuição se articula em cinco dimensões: a escuta-testemunho da Palavra (*martyria*), a celebração (*liturgia*), a comunhão (*koinonia*), o serviço (*diaconia*) e o impulso missionário (*missio*). Para cada dimensão são claramente lembrados os dois caminhos a serem percorridos para uma eficaz ação pastoral: o caminho do testemunho de vida, pessoal e comunitária, e o caminho das várias atividades pastorais empreendidas.

Por fim, convido-os a prestar atenção ao que se diz na *Introdução*, a propósito da aceitação ativa e criativa do *Subsídio*. As realidades paroquiais nas quais vivemos e operamos são tão diferentes que um texto previsto para toda a Ordem, certamente, não pode atender a todas e não pode satisfazer a todas as exigências locais. Daí a necessidade de acolher o *Subsídio* como um instrumento para refletir, pessoal e comunitariamente, para rever juntos a maneira de desempenhar o ministério de evangelização nas paróquias, de maneira a sermos fiéis ao nosso carisma e, ao mesmo tempo, responder às expectativas de nossas comunidades eclesiais.

Agradeço, cordialmente, aos membros da Comissão, nomeada pelo Definitório geral, que ajudou o Secretariado geral para a Evangelização na elaboração desse *Subsídio*. Meu sincero agradecimento, portanto, a Fr. Fernando Uribe, Fr. Hans-Georg Löffler, Fr. Ivan Sarcevic, Fr. Lawrence Hayes, Fr. Vito Bracone. Meu agradecimento também a Fr. Massimo Toldi pela primeira redação em italiano e a Fr. Luigi Perugini pela revisão definitiva do texto e por ter cuidado de todos os detalhes técnicos para a publicação.

O Pai das misericórdias, que enviou seu Filho ao mundo para ser seu Evangelho e o Espírito Santo para animar a Igreja em sua vocação e missão evangelizadora, pela intercessão de Maria Santíssima, feita Igreja, e de São Francisco, Arauto do grande Rei, abençoe todos os Frades que trabalham nas paróquias e torne fecundo seu serviço às Igrejas locais.

Roma, 6 de janeiro de 2009
Epifania do Senhor

FR. JOSÉ RODRÍGUEZ CARBALLO, OFM
Ministro geral

INTRODUÇÃO

Tratando dos aspectos da evangelização, o documento do Capítulo geral de 1997 havia convidado o Definitório geral a promover um estudo sobre nossa presença na pastoral paroquial e, particularmente, a refletir sobre o “estilo” de nossa ação nas paróquias, descobrindo novas formas e novos métodos de evangelização, em comunhão com a Igreja local e na fidelidade ao nosso carisma¹.

Para obedecer ao pedido do Capítulo, o Definitório geral nomeou uma Comissão internacional, que recolheu dados em todas as Entidades e, baseada no abundante material recebido, elaborou um estudo sobre a atual praxe evangelizadora para uso do Definitório geral.

Foi um primeiro passo. De fato, em seu relatório ao Capítulo geral de 2003, o Ministro geral observava: “Um longo caminho nos espera, quer para rever nossa presença nas paróquias, quer para indicar novas formas e novas maneiras de presença e de atividade como Frades menores. Portanto, todos estamos e estaremos envolvidos nesse processo de juntos encontrar estratégias, modalidades e caminhos para oferecer ao povo de Deus e aos homens de hoje um serviço generoso e eficaz segundo nossa forma de vida”².

Para dar concretude a este longo e complexo processo e fomentar uma “nova mentalidade”, o Conselho internacional para a Evangelização, na reunião de 2004, propôs a elaboração de um *Subsídio de animação da pastoral paroquial*. O Definitório geral aprovou a sugestão do Conselho e nomeou uma Comissão para ajudar o Secretariado geral para a Evangelização (SGE) na elaboração do subsídio. A Comissão reuniu-se diversas vezes para cumprir a tarefa que lhe fora confiada.

Após longa e laboriosa preparação, finalmente o Subsídio foi ter-

1 Cf. *Da memória à profecia: orientações e propostas*, Documento do Capítulo geral 1997, n. 14; cf. também as *Prioridades para o sexênio 1997-2003*, 1998, 4; *O Senhor te dê a paz, Propostas*, 19, Documento do Capítulo geral 2003; *OFM. Prioritates 2003-2009, Seguidores de Cristo para um mundo fraterno*, 2004, 4.

2 BINI, G., *Vocavit nos Deus ut eamus per mundum*, Relatório ao Capítulo geral 2003, p. 19.

minado. Tendo presentes, por um lado, os recentes documentos da Ordem sobre a Evangelização, sobretudo o documento *Encher a terra com o Evangelho de Cristo*, de 1996, e, por outro, o grande número de Frades que vive e trabalha nas paróquias, em países e situações com frequência muito diferentes, o Subsídio pretende oferecer uma série de elementos de reflexão, idéias para enriquecer as motivações do serviço e para religar-se à fecunda inspiração original. Na prática, o objetivo visado pelo *Subsídio* é ajudar os Frades a desempenhar esse “tradicional” ministério de evangelização segundo o carisma franciscano, sem jamais esquecer que os Frades menores foram enviados ao mundo inteiro para dar “testemunho, com a palavra e as obras, que não existe outro onipotente senão o Senhor” (cf. *Ord* 9).

O Subsídio compreende três capítulos. No *primeiro*, examina-se a própria realidade da Paróquia, vista como porção do Povo de Deus, na sua estratégica dimensão de proximidade com o povo e na sua estruturação canônica de opção realizada pela Igreja. No *segundo*, examina-se a Paróquia no seio de nossa Ordem dos Frades Menores: um rápido olhar sobre a atormentada história que caracterizou o binômio Frades-Paróquia; um resumo da multiforme tipologia de paróquias servidas hoje pelos nossos Frades; uma necessária atenção à legislação vigente sobre nosso tema. Por fim, no *terceiro* capítulo, o *Subsídio* apresenta de forma propositiva as características franciscanas da pastoral paroquial e, portanto, oferece uma ajuda prática para unir o serviço paroquial à nossa vida franciscana e harmonizar as exigências inerentes ao ministério paroquial com o *proprium* do Frade menor. E essa contribuição articula-se em cinco dimensões: a escuta-testemunho da Palavra (*martyria*), a celebração (*liturgia*), a comunhão (*koinonia*), o serviço (*diaconia*) e o impulso missionário (*missio*).

Além disso, depois de cada capítulo foram inseridas sugestões para o aprofundamento, pessoal e comunitário, considerado fundamental para uma criativa aceitação do *Subsídio*. Afinal, não se trata apenas de lê-lo e de estudá-lo para avaliar a validade do conteúdo, nem de aplicá-lo diretamente em cada situação. Antes, trata-se de confrontar os pontos de reflexão e as motivações oferecidas pelo *Subsídio* com a realidade concreta da paróquia a nós confiada e com a experiência do ministério pastoral desenvolvido nela.

Por fim, o Secretariado geral para a Evangelização espera que o *Subsídio* possa transformar-se em mais um estímulo, em sintonia com a celebração da *graça das origens*, para assumir o ministério pastoral

nas Paróquias como um lugar e uma forma de evangelização conforme o *estilo* franciscano, em fraternidade e minoridade, em comunhão com a Igreja e em resposta às exigências do nosso tempo.

Fr. Nestor Inácio Schwerz, ofm
Secretário geral para a Evangelização

1

ENVIADOS A EVANGELIZAR
EM FRATERNIDADE E MINORIDADE
NA PARÓQUIA

A PARÓQUIA PORÇÃO DO POVO DE DEUS

Neste capítulo, primeiramente descreve-se a própria realidade da paróquia: como foi percebida pela fecunda reflexão pós-conciliar; quais são os atuais desafios que brotam do complexo contexto sócio-cultural e eclesial; por fim, são indicadas algumas opções para a renovação de pastoral paroquial.

1. A paróquia na Igreja

“A Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano”³. Segundo a descrição do Código de Direito Canônico, pois, a paróquia é uma porção da Diocese que, por sua vez, é parte “do Povo de Deus confiada a um Bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério; de modo que, aderindo a seu pastor, e por ele congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia constitua uma Igreja particular, na qual está presente e opera a Igreja de Cristo, uma, santa, católica e apostólica”⁴.

O recente magistério da Igreja, que brota da “visão” da Igreja do Concílio Vaticano II⁵, pôs em evidência aspectos importantes da própria realidade da paróquia e das complexas dinâmicas de uma pastoral a ser adaptada segundo os tempos e os lugares, para responder fielmente ao Evangelho e ao homem.

Os aprofundamentos desenvolvidos nesse sentido referem-se às seguintes perspectivas:

- *Relação entre paróquia e Igreja particular.* A paróquia constitui uma articulação da Igreja particular, ou melhor, é “o núcleo fundamental na vida quotidiana da diocese”⁶.
- *Paróquia como comunidade de fiéis.* Segundo a Exortação apostólica de 1988, *Christifideles Laici*, a paróquia “não é principalmente uma estrutura, um território..., é antes a “família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade”... está fundamentada sobre uma realidade teológica, porque é uma comunidade eucarística... uma comunidade de fé e uma comunidade orgânica... na qual o pároco – que representa o bispo diocesano – é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular”. Portanto, a paróquia, é a localização da Igreja, é “a própria Igreja que vive em meio às casas de seus filhos e filhas”⁷.

3 Código de Direito Canônico, cân. 515 §1.

4 *Christus Dominus*, Decreto do Concílio Vaticano II sobre o múnus pastoral dos Bispos, 1965, 11.

5 Cf. *Lumen Gentium*, Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, 1964, particularmente os capítulos 1.2.5.7.8.

6 JOÃO PAULO II, *Pastoris gregis*, Exortação apostólica pós-sinodal, 2003, 45.

7 JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, Exortação apostólica pós-sinodal, 1988, 26.

- *Paróquia como opção pastoral.* Exatamente porque é a localização da Igreja particular, o lugar onde os fiéis podem fazer uma experiência concreta de Igreja, a Paróquia é uma opção histórica da Igreja, é uma opção pastoral para, de muitos e variados modos, dar forma ao Evangelho no coração da existência humana⁸.
- *A Paróquia como presença de proximidade aos fiéis.* Segundo o Documento da 3ª Assembléia do Episcopado latino-americano, de certo modo, a paróquia “realiza uma função de Igreja em certo sentido integral, já que acompanha as pessoas e as famílias no decorrer de toda a sua existência, na educação e no crescimento da fé. É centro de coordenação e de animação de comunidades, grupos e movimentos... A celebração da Eucaristia e demais sacramentos torna presente, de maneira mais clara, a totalidade da Igreja... Para o cristão, a paróquia vem a ser o lugar de encontro e de fraterna comunicação de pessoas e de bens, superando as limitações próprias das pequenas comunidades. Na paróquia se assume, de fato, uma série de serviços que não estão ao alcance das comunidades menores, sobretudo em nível missionário e na promoção da dignidade da pessoa humana, atingindo-se, assim, os migrantes mais ou menos estáveis, os marginalizados, os separados, os não-crentes e, em geral, os mais necessitados”⁹.

2. Alguns desafios

Enquanto célula da Igreja particular, a paróquia tem a tarefa de encarnar a mensagem evangélica e de pôr à disposição de todos a devida superabundância dos “bens” da salvação que Cristo confiou à Igreja. Portanto, a paróquia deve ter sempre presente uma dupla fidelidade: ao Evangelho de Cristo, que sempre deve ser descoberto em sua inexaurível riqueza; ao destinatário ao qual propô-lo, que percorre o não fácil “caminho” da história atual. Faltar nessa dupla fidelidade significaria apresentar-se aos homens de hoje de mãos vazias ou não saber a quem apresentar a Boa Nova.

Exatamente para marcar a absoluta necessidade que a paróquia tem de *conhecer o destinatário*, oferece-se uma sintética descrição do atual con-

8 Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia in America*, Exortação apostólica pós-sinodal, 1999, 41.

9 *Documento de Puebla*, 644.

texto sócio-cultural e religioso. Com efeito, somente conhecendo a humanidade contemporânea, com todas as suas grandes potencialidades e seus complexos problemas, pode-se dialogar eficazmente com ela e oferecer-lhe os bens dos quais pretender ser solícita administradora.

1. Contexto sócio-cultural e religioso

O atual contexto sócio-cultural e religioso caracteriza-se particularmente pelos seguintes fenômenos:

- *A globalização e as novas tecnologias.* Por um lado, o mundo tornou-se uma *aldeia global*, com uma extrema facilidade de comunicação, de produção, de circulação de produtos e de informações; por outro, assume um rosto de um “mercado” global, com marginalização e exclusão social de multidões de pessoas, gerando assim uma imensa onda migratória. Por causa da avalanche de mensagens contraditórias que tal fenômeno põe em circulação, a globalização acaba por ter um impacto por vezes perturbador sobre a mentalidade, sobre a ética, sobre o relacionamento com a criação, sobre as relações entre as pessoas e, até, sobre a vida familiar. Ao contrário, porém, abre-se caminho para a tendência de fechar-se no próprio “mundo”, na própria “aldeia”. Contudo, tal reação acaba por gerar fragmentações e guetizações, formas exageradas de individualismos¹⁰.

Mas a globalização representa um desafio. De fato, se é verdade que a paróquia é a localização da Igreja, é verdade também que ela é intimada a tornar-se um “lugar” de acolhimento e de hospitalidade e a ter um ar “universalista” – e para nós, Franciscanos, o claustro é o mundo inteiro – até abraçar os problemas e as exigências da família humana¹¹.

- *A urbanização.* A concentração de pessoas, sobretudo nas grandes periferias, leva a uma despersonalização, a uma falta de pontos de referência. A falta de espaços e de contato com a natureza prejudica o equilíbrio pessoal e comunitário. A poluição atmosférica, auditiva e visual, com frequência são o lado exterior de poluições mais profundas que contaminam o clima interior e as relações inter-pessoais.

É também uma ocasião de rever nossas presenças, para estar entre as pessoas; sobretudo, para estar entre as casas dos homens como *fraternidade evangélica* e, assim, ser um espaço de humanização, de

10 JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Asia*, Exortação apostólica pós-sinodal, 1999, 39.

11 JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa*, Exortação apostólica pós-sinodal, 2003, 100.

socialização e de valorização de cada pessoa¹².

- *O pluralismo cultural e religioso.* Hoje, as pessoas vivem numa sociedade multicultural e multirreligiosa. Essa realidade pode oferecer a ocasião de cultivar a abertura para o outro e de fomentar assim o mútuo enriquecimento. Mas pode gerar medo em relação ao “diferente” e, portanto, construção de muros entre pessoas de diferente cultura e religião; ou a pessoa se coloca diante desse fenômeno numa atitude de indiferença, de fechamento, com a conseqüente dificuldade de testemunhar e transmitir os valores da fé cristã ou, até, de compreender a própria identidade¹³.

2. Contexto eclesial

Na Igreja, pode-se perceber um rico fermento de novidade, mas também de contraposição e de involução. Também a aceitação da eclesiologia conciliar, com os aprofundamentos e os desenvolvimentos posteriores, não está garantida. Em particular, podemos destacar algumas linhas emergentes.

- *A tensão entre eclesiologias diferentes.* Ao lado de uma Igreja que, impelida pela *Gaudium et spes*, abre com coragem as próprias portas ao mundo, existe uma Igreja voltada para si mesma, sem ardor e vigor para enfrentar as novas situações.
- *O crescimento dos movimentos eclesiais e de novas comunidades.* É perceptível o crescimento do protagonismo dos leigos, ainda que, em geral o clericalismo seja forte. De fato, com frequência, os leigos são “para uso” do clero e têm dificuldade de compreender seu papel na evangelização.
- *A busca de experiências de espiritualidade.* Na busca de saciar a sede de espiritualidade, podemos encontrar-nos com uma forma de religiosidade sem o Deus pessoal ou de aversão ao mundo atual, à sociedade, à cultura, à política, realidades consideradas “sujas”.
- *O afastamento da prática comunitária e sacramental.* Parece que a parábola da ovelha perdida é hoje lida às avessas: não é uma, mas são noventa e nove as ovelhas que abandonam o aprisco!
- *O fenômeno de quem volta.* Em alguns ambientes cresce o número das pessoas que se haviam afastado e agora retornam às

12 *Ibid.*, 15.

13 *Ecclesia in Asia...*, 29ss.

comunidades de fé; e isso exige uma grande paciência pastoral, um generoso acolhimento e um acompanhamento personalizado.

- *A pastoral ordinária de uma paróquia*, realizada segundo esquemas habituais e com grande emprego de meios e de energias, é dirigida a um exíguo número de pessoas (à ovelha que permaneceu no aprisco), de forma que para os distantes (as outras noventa e nove) já não há tempo nem forças.
- *A exigência da parte de muitos fiéis* de ter uma Igreja mais ministerial, com maior participação dos leigos, com uma corajosa abertura ao diálogo, à solidariedade com os pobres.
- *A necessidade de uma verdadeira pastoral social*, antes frágil ou ausente na praxe pastoral ordinária. Sua ausência ou sua fraca incidência, porém, não favorece o justo equilíbrio entre os ministérios da Palavra, da liturgia e da caridade. Assim, a dimensão da caridade apresenta vistosas omissões e, onde existe, tem facilmente um caráter assistencialista. Com frequência, falta um claro compromisso com os pobres, com a promoção humana, com a defesa dos direitos humanos, com uma eficaz transformação social.

3. Opções para a renovação da paróquia

O atual contexto sócio-cultural e religioso-ecclesial questiona vivamente a paróquia. O fato de *a igreja estar perto do povo*, obriga-a a não se fechar às exigências da humanidade contemporânea, a não negligenciar o pedido que, com frequência, se torna um grito de muitos irmãos e irmãs que estão sedentos de sentido, que desejam encontrar seu oportuno espaço. Por isso, a paróquia sente-se constantemente impelida a uma conversão pastoral, que inclui as seguintes opções:

- *superar a pastoral da conservação do existente*, para acolher com ar novo, amplo e corajoso os desafios do nosso tempo;
- *optar pela missão* como verdadeiro modelo da evangelização. Isso inclui a mistura dos hábitos e costumes pastorais, a revisão e a renovação de todas as modalidades da pastoral;
- *colocar-se em atitude propositiva* em relação às situações particulares que têm uma difusão mundial: o pluralismo religioso, as migrações, o *ad gentes* dentro dos próprios limites;

- *realizar o modelo comunitário de paróquia*, com o envolvimento de todas as expressões presentes na paróquia: comunidades religiosas, associações, movimentos e grupos. Só assim a pastoral será uma pastoral de conjunto, onde todos e cada um poderão sentir-se em casa e desenvolver o próprio serviço em benefício de todos. Então sim, a paróquia poderá ser “a Igreja que se encontra entre as casas dos homens, vive e age profundamente inserida na sociedade humana e intimamente solidária com suas aspirações e dificuldades”¹⁴;
- *privilegiar o contato pessoal*, que constitui o primeiro caminho da evangelização, seguindo nisso o bom pastor, que sempre deu a primazia ao encontro direto com as pessoas, ao diálogo franco e construtivo, ao acolhimento imediato das reais situações que se apresentavam em sua caminhada;
- *realizar gestos de vida nova*, como a mudança do estilo de vida, a escolha de meios pobres para tudo aquilo que se refere à missão da Igreja, o compromisso com uma efetiva justiça, local e internacionalmente, a proximidade a quem sofre por causa das múltiplas formas e marginalização, a solidariedade com os fracos e com as vítimas, e a defesa de seus direitos, o testemunho de opções evangélicas nos conflitos, etc.;
- *valorizar os seguintes ícones de paróquia*: *Igreja enraizada num lugar*, para a qual nada é estranho e tudo chama sua atenção; *Igreja próxima do povo*, num espírito de amável acolhida a todos e, em particular, àqueles que não contam ou que se sentem marginalizados; *Igreja simples e humilde*, porta de entrada do Evangelho para cada pessoa; *Igreja de povo*, instrumento de agregação; *Igreja eucarística*, com seu mistério de comunhão e de missão.

14 *Documento de Santo Domingo*, IV Assembléia do Episcopado latino-americano, 1993, 58; cf. também o *Documento de Puebla*, 649-650; *Ecclesia in America...* 41; JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Africa*, Exortação Apostólica pós-sinodal, 1995, 88ss.

Sugestões para a reflexão sobre o capítulo 1º

1. *Ler, analisar e interpretar o contexto sócio-cultural-religioso-ecclesial em que se encontra a paróquia.*
2. *Reconhecer os sinais de renovação já presentes na vida paroquial.*
3. *Identificar os mais urgentes e importantes desafios para a missão evangelizadora da comunidade paroquial.*

2

ENVIADOS A EVANGELIZAR
EM FRATERNIDADE E MINORIDADE
NA PARÓQUIA

OS FRADES MENORES E A PARÓQUIA

Após uma premissa histórica, que evidencia o relacionamento não fácil havido entre a paróquia e os Frades menores, este capítulo apresenta uma interessante tipologia do serviço paroquial, levado adiante por nossas Fraternidades nas várias partes do mundo, sintetizando, por fim, o que a legislação de nossa Ordem nos diz sobre o assunto.

1. À luz da historia

Ainda que tenha sido popular e itinerante, o apostolado franciscano das origens entrou logo em relação com a paróquia. Com efeito, segundo as indicações de São Francisco, o Frades deviam ir dois a dois para as várias regiões da Itália e da Europa a pregar a penitência e a paz; mas sempre deviam antes pedir e obter do bispo ou do pároco do lugar a permissão de pregar.

Foram os primeiros franciscanos missionários na Bósnia, nos inícios do século XIV, que obtiveram do Papa a faculdade de organizar paróquias e de ali permanecer como pastores; mas só nos territórios missionários onde não existia clero diocesano. Isso deu início a uma tradição que chegou até nossos dias. Enquanto isso, desenvolvia-se um grande debate entre os juristas da época sobre a entrega ou não da paróquia aos religiosos. O debate prosseguiu até o século XVI, quando a questão foi reservada à decisão da Santa Sé.

Com a reforma tridentina (séc. XVI) foi formulado o “modelo” da paróquia universal com as seguintes estruturas fundamentais: um território, um pároco inamovível, um benefício. Tal modelo chegou até o Vaticano II.

No século XVIII, os próprios religiosos desconfiavam do ambiente paroquial, considerado um “lugar” não apto à promoção das virtudes religiosas. Até meados do século XVIII, um único pároco foi inscrito no catálogo dos santos, Ivo de Bretanha, que foi recebido no martirologio franciscano mais como terceiro do que como pároco.

Por volta de meados do século XVIII, o Papa Bento XIV declarava proibido aos religiosos o cuidado pastoral da paróquia, a não ser que existissem particulares necessidades.

Nos novos países da América Latina, os franciscanos haviam-se orientado para uma missão mais aberta e itinerante junto às populações indígenas, deixando a outros a organização das paróquias.

Na Europa, quando se impôs a ideologia do jurisdicionalismo iluminista, as autoridades aceitavam só ministérios eclesiásticos que tivessem uma base de subsistência econômica e isso era possível somente graças às paróquias. Os religiosos, os franciscanos inclusive, viram-se assim obrigados a assumir com freqüência o ministério paroquial, até por uma simples questão de sobrevivência.

Na Hungria – como em outros Países eslavos – impunha-se aos Frades a gestão das paróquias e as igrejas conventuais tiveram de ser transformadas em paroquiais, sob pena de fechamento. No fim, tais paróquias acabaram por ser as únicas presenças católicas na região. Na Áustria, porém, aos franciscanos foram entregues de preferência as escolas, talvez porque não exigissem um elevado compromisso na administração patrimonial, enquanto que na Itália, por causa das leis de supressão de meados do século XIX, os Frades podiam permanecer somente se assumissem a administração das paróquias. No México, depois que a vida religiosa foi declarada ilegal (1859) e por fim supressa (1867), alguns Frades puderam continuar a viver sob a cobertura das “reitorias paroquiais” e dos “colégios”.

Depois do Código de Direito Canônico de 1917, que conferiu ao instituto paroquial uma dimensão mais religiosa, pastoral e quase missionária, as referências à paróquia foram inseridas também na legislação da Ordem, entre os decretos dos Capítulos gerais e em alguns artigos das Constituições gerais e dos Estatutos gerais. Em 1921, após as disposições sobre as paróquias, seguem também antigos freios sobre os perigos que elas poderiam constituir para a vida comum e para a obediência. É também precisado que a assunção das paróquias comporta o pedido de dispensa dos preceitos da Regra, justificável por motivo da superior finalidade do “bem das almas”. Em 1927, contavam-se 623 paróquias a cargo da Ordem, ainda que fosse precisado o caráter temporário do serviço, exigido por causa da insuficiência do clero diocesano. Em 1957, mesmo assumindo formas de pastoral alternativa à paróquia – como as missões populares, a pregação e as missões *ad gentes* – as paróquias adquiridas no último sexênio foram calculadas em 144.

Depois da segunda guerra mundial, por causa do grande movimento migratório da Europa para os Estados Unidos da América, os franciscanos, para poder seguir seus co-nacionais, constituíram novas “paróquias pessoais”. Praxe que depois foi encontrada em muitos Países onde a imigração foi relevante.

Nas novas missões da África, quase todos os Bispos permitiram que os frades abrissem Fraternidades, na condição de assumirem a cura de alguma paróquia.

O aumento do compromisso paroquial dos franciscanos expressa a disponibilidade de ir ao encontro das necessidades da Igreja, como já fora expresso por São Francisco: “Fomos enviados em auxílio dos clérigos para a salvação das almas, de modo que o que neles se encontrar de menos seja suprido por nós” (2*Cel* 146). E Paulo VI, dialogando com o Ministro e o De-

finitório geral dos Frades Menores Capuchinhos, dizia: “Conheço a forma característica da vida franciscana. Vós não quereis reduzi-la aos estreitos limites do ministério paroquial. Desejais ser livres para desenvolver outras formas de apostolado. Contudo, deveis ainda fazer algumas exceções”¹⁵.

Nas *Constituições gerais OFM* de 1970, depois dos aprofundamentos sobre a identidade franciscana exigidos pelo documento conciliar, pede-se que se aceitem as paróquias onde seja possível viver o espírito de minoridade e de fraternidade. Nas *Constituições gerais* de 1987, confirmadas em 2004, as paróquias são uma das formas possíveis de apostolado (cf. *CCGG* 84.111.115; *EEGG* 54), salvando sempre a vida e o testemunho de fraternidade e de minoridade e o espírito de colaboração com os bispos. Segundo a mais recente estatística elaborada em 2003, 27% dos Frades menores dedica-se às paróquias como atividade principal.

2. À luz de situações específicas

O impulso missionário para novas fronteiras e a disposição de ajudar as Igrejas locais fizeram surgir, e continuam a fazer germinar, uma variada gama de serviços paroquiais franciscanos, por vezes muito diversos entre si. Daí a tentativa de apresentar essa rica tipologia de paróquias animadas por nossas Fraternidades, oferecendo uma breve caracterização do tipo de paróquia, com as oportunidades e os valores e também com os limites e os riscos.

Do elenco a seguir é possível perceber quanto o espírito missionário soube se unir e interagir com as mais diferentes situações que apareceram na história e com os contextos diferentes do mundo inteiro.

- Paróquias situadas *num contexto missionário ad gentes*. Em muitas missões, a paróquia é um modo, por vezes o único, de tornar a Igreja presente e realizar a *implantatio Ecclesiae*. Com frequência, os Bispos pedem insistentemente aos missionários que assumam tal forma de presença. A Fraternidade franciscana, em sua pastoral paroquial, dá particular atenção à evangelização missionária e à aculturação do Evangelho, enquanto menos for-

15 Audiência ao Ministro geral e a seu Definitório dos Frades Menores Capuchinhos, 17 de dezembro de 1963, in *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Cappuccinorum*, 79 (1963), 384-385.

te é a atenção com a *implantatio Ordinis* e com a difusão do carisma.

- Paróquias *num contexto de minoria cristã*. Nossa Ordem tem presenças em países de maioria muçulmana, de outra religião ou de outra Igreja. Então, a Paróquia se torna o único meio para uma presença católica, reconhecida também por parte do Governo civil. Nesse contexto, a pastoral paroquial presta um indispensável serviço a um “pequeno rebanho”, cuida da promoção humana e oferece um silencioso testemunho do Evangelho e da fé. Geralmente, trata-se de uma pastoral de “conservação”, não de anúncio ou de criatividade missionária. Em alguns casos, é também uma presença de colaboração e de diálogo inter-religioso e ecumênico.
- Paróquias *em Dioceses bem organizadas*, com uma rígida programação e como diretrizes muito precisas para todas as atividades paroquiais e outros campos pastorais. Com frequência, em tais Igrejas particulares não há muito espaço para uma criativa diversidade na comunhão, para uma visibilidade do carisma franciscano como presença (Frades sacerdotes e Frades leigos) e como serviço (organização de Fraternidades OFS e Jufra, compromissos com a justiça, paz e integridade da criação, diálogo em chave franciscana, devoções tipicamente franciscanas, etc.).
- Paróquias *de grande extensão*. Em muitos casos, estamos presentes em Igrejas particulares onde nosso carisma é apreciado e respeitado pelos bispos e pelo clero e onde nos são confiadas paróquias de grande extensão, com grande número de habitantes e de fiéis. Não raro, para visitar as comunidades, é preciso fazer longas viagens, em condições precárias. Nesses casos, não se consegue oferecer uma verdadeira evangelização, mas antes uma pastoral sacramental. As enormes distâncias do centro e a forçada ausência de alguns Frades pesam sobre a Fraternidade, que tem dificuldades de viver os elementos fundamentais do carisma, como a vida comum, a oração comunitária, os capítulos locais.
- Paróquias *no contexto de grandes cidades*. Existem presenças em paróquias urbanas de grandes cidades, nos centros e nas periferias, onde se vive imerso num pluralismo religioso que questiona a Fraternidade com múltiplas ofertas e com desafios. Nesses

casos, é necessária uma presença evangelizadora muito criativa e de grande qualidade, para atingir os fiéis onde se encontram e para sermos capazes de diálogo e de esforço pela promoção humana.

- Paróquias *com estruturas sólidas e com uma história gloriosa de atividade pastoral*, mas necessitadas de uma renovada evangelização. Muitas de nossas paróquias se encontram no seio de uma Igreja particular sólida, com estruturas estáveis, com uma longa tradição de presença e cuidado pastoral, mas em situação de profundas mudanças culturais e religiosas. As próprias paróquias têm uma longa história, muitas vezes com uma igreja grande, bela, que apresenta os sinais gloriosos de muitos séculos de fé e de arte. Aqui, o risco é manter mais ou menos o mesmo estilo de atividade pastoral e, assim, enquanto muda a realidade externa, a resposta pastoral pode ser a mesma do passado.
- *Paróquia e Santuário*. Bom número de nossas paróquias estão organizadas em torno a um santuário, que atrai, geralmente, uma multidão de fiéis, pela fama do Santo venerado, pelo lugar característico, pela espiritualidade que ali se respira. Isso não significa automaticamente uma adesão à comunidade eclesial. Então, o risco é o de “conformar-se” com uma religiosidade “usa e lança fora”, que não incide no tecido profundo dos fiéis.

3. À luz da legislação da Ordem

A palavra paróquia aparece apenas uma vez nas atuais *Constituições gerais*; contudo, esta única referência é de grande importância, porque situada no interior daquilo que o Código de Direito Canônico considera *lex fundamentalis*. A menção está no cap. V, que trata de um dos aspectos fundamentais da vocação franciscana, o da evangelização. O título do capítulo, “Por isso Deus vos mandou pelo mundo”, é tomado da *Carta a toda a Ordem*, destacando, assim, que a missão, em seu significado original, ocupa um lugar de primeira ordem na compreensão do Evangelho em São Francisco.

É significativo que o artigo que se refere às paróquias faz parte dos princípios gerais sobre os quais se fundamenta a vocação evangelizadora

dos Frades menores. De fato, após declarar que todos os Frades foram enviados a proclamar o Evangelho (CCGG 83§1) e que sua evangelização se realiza por palavras e obras (CCGG 83§2), o artigo 84 apresenta a evangelização como uma responsabilidade de todos e indica os múltiplos campos nos quais pode ser desenvolvida. Entre estes, está o ministério paroquial. O texto se expressa assim: “Onde quer que estejam e o quer que façam, dediquem-se os irmãos ao ministério da evangelização: tanto na comunhão fraterna, por uma vida de contemplação e de penitência e pelos diversos trabalhos executados em favor da Fraternidade; como na sociedade humana, por atividades intelectuais e materiais e pelo exercício do ministério pastoral nas paróquias e outras instituições eclesásticas; e, finalmente, anunciando o advento do Reino de Deus pelo testemunho da simples presença franciscana” (CCGG 84).

Note-se, em primeiro lugar, o contexto universal (*onde quer que estejam*) e pluralista (*o que quer que façam*) dos campos onde os frades desempenham sua tarefa de evangelização. Em segundo lugar, “o ministério pastoral nas paróquia” é concebido fundamentalmente como uma tarefa de evangelização: não é tarefa administrativa nem de outro tipo, mas um “ministério”. Em terceiro lugar, trata-se de um ministério entre muitos outros que os Frades menores podem desenvolver. Esse princípio é confirmado no artigo 116: “Toda a nossa Fraternidade é missionária e participa da missão da Igreja, conforme o exemplo de São Francisco e sua vontade expressa na Regra. Cada irmão, pois, consciente de sua responsabilidade, assuma sua parte na obra missionária” (CCGG 116 §1).

À luz das precedentes características, é lógico que também ao ministério paroquial podem aplicar-se, por um lado, os *princípios gerais* que orientam a tarefa evangelizadora e, por outro, os *critérios* que as *Constituições gerais* dão sobre as modalidades da evangelização franciscana e sobre a organização dos ministérios.

A aplicação dos *princípios gerais* da evangelização ao ministério paroquial significa que o ministério é considerado dentro do *seguimento* de Cristo em penitência e em fraternidade. E esta é entendida como *disposição para a comunhão* com a Família à qual se pertence (Ordem, Província, Casa) e com todos os seres humanos, a partir do testemunho de vida. Nas expressões de fraternidade está incluída também a união e a colaboração *com todos os membros da Família franciscana* e deve-se privilegiar a *inserção entre os pobres* e nos ambientes secularizados (cf. CCGG 85-88).

Entre os *critérios* referentes às características próprias da evangelização franciscana vale a pena recordar que no ministério paroquial:

- papel preponderante é dado a *dimensão de testemunho* de nossa forma de vida, que se manifesta com a profissão humilde, decidida e alegre da fé católica, como menores, sempre atentos a responder aos problemas do ser humano de hoje, para que recupere sua dignidade (cf. CCGG 90-91.96-97);
- o *anúncio da Palavra de Deus* é prioritário e, por isso, além da idoneidade, exige-se uma assídua preparação. A fim de que a pregação seja útil e edifique o povo, é preciso que o pregador se nutra nas verdadeiras fontes da revelação, se fundamente na fé profunda, fortificada pela oração, sua vida seja coerente com aquilo que diz e saiba utilizar palavras adequadas e medidas (cf. CCGG 100-104);
- uma das tarefas prioritárias do ministério paroquial é promover a *santificação dos fiéis* mediante a adequada administração dos sacramentos, entre os quais merece especial atenção o sacramento da reconciliação (cf. CCGG 108).
- Para a evangelização e a promoção humana é conveniente que *se utilizem os meios de comunicação social* sempre que, por um lado, não sejam transformados em fim em si mesmos, mas que conservem seu caráter de instrumentos e, por outro, que sua utilização seja feita no espírito de minoridade (cf. CCGG 109).

Nas Constituições gerais existe a grande preocupação de proteger os valores fundamentais, em particular a fraternidade e a minoridade. Por isso, quando esses valores se referem ao serviço da evangelização, as Constituições advertem que “nossa Ordem pode assumir todas as atividades destinadas a promover o ministério da evangelização que o povo de Deus deve levar a efeito e que sejam compatíveis com nosso estado de fraternidade e de minoridade”. E mais: “Os irmãos que prestam serviço em Igrejas particulares estejam prontos a ajudar os Bispos e seus colaboradores na execução dos planos pastorais, sobretudo nos aspectos que mais se harmonizarem com nosso carisma franciscano” (CCGG 11.115 §1).

É evidente que nos textos que se referem ao ministério da evangelização e aos planos de pastoral estão compreendidas também as paróquias. Por seu lado, os *Estatutos gerais* da Ordem são muito mais explícitos sobre isso, pois exigem que “ao aceitar paróquias, de que deve ser informado o Ministro geral, o Ministro provincial prefira aquelas em que brilhe o testemunho de minoridade e fraternidade” (EEGG 54 §1).

Deste breve olhar para a legislação da Ordem, referente ao ministério pastoral nas paróquias, é evidente que este é concebido como uma forma

de evangelização, na qual devem refulgir os elementos específicos de nosso carisma.

Como conclusão, nas *Constituições gerais* de 1987 e de 2004 e nos *Estatutos gerais* de 2004, pela primeira vez, as paróquias recebem uma clara legitimação, sendo apresentadas como “uma das formas possíveis de apostolado franciscano”.

Com referência à animação da pastoral paroquial, a responsabilidade é do Secretariado provincial para a Evangelização, sob a dependência do Ministro provincial: “Compete ao Secretário provincial para a Evangelização promover e coordenar, sob a dependência do Ministro provincial, toda a evangelização da Província”. Em particular, “compete ao Coordenador da Evangelização coordenar todas as atividades relacionadas com as diversas formas de evangelização”. Por isso, é necessária também a elaboração de *Estatutos peculiares*, para precisar as tarefas, as competências e os modos de organizar a animação, de modo que a pastoral paroquial seja vista como uma das tarefas do Secretariado (cf. *EEGG* 49 § 1 e 3).

Sugestões para a reflexão sobre o capítulo 2º

1. *Fazer a memória histórica da paróquia e descobrir os momentos de vitalidade e os de crise, identificando seus fatores mais decisivos.*
2. *Descobrir os motivos pelos quais os Frades aceitaram a responsabilidade da paróquia e reconhecer sua contribuição específica ao longo da história.*

3

ENVIADOS A EVANGELIZAR
EM FRATERNIDADE E MINORIDADE
NA PARÓQUIA

LAS CARACTERÍSTICAS FRANCISCANAS DA PASTORAL PAROQUIAL

Baseando-nos nas Fontes Franciscanas e nos Documentos da Igreja e da Ordem, são agora apresentados alguns pontos de reflexão para harmonizar o serviço paroquial com nossa vida franciscana e para oferecer uma ajuda a fim de viver o proprium do Frade menor neste ministério.

Para isso, serão tomadas em consideração cinco dimensões complementares entre si: a escuta-testemunho da Palavra (martyria); a celebração (liturgia); a comunhão (koinonia); o serviço (diaconia); o impulso missionário (missio).

1. Testemunhas e servidores da Palavra (martyria)

“Inclinai o ouvido de vosso coração e obedecei à voz do Filho de Deus. Guardai em todo o vosso coração os seus mandamentos e cumpri seus conselhos com a mente perfeita”(Ord 6-7).

O início da *Carta a toda a Ordem* de São Francisco, enquanto ilumina o vital relacionamento que ele tinha com a Palavra de Deus, oferece também a nós, hoje, preciosas indicações a serem valorizadas no específico serviço da paróquia. Em seqüência lógica, ele nos indica que a Palavra primeiramente deve ser ouvida com reverência e com a disposição de pronta obediência; depois, deve ser guardada no coração e, por fim, encarnada nas obras. Este contínuo movimento, do exterior para o interior e depois da profundidade do coração para a concretude visível das obras, traça a caminhada da coerência. Como se dissesse: ao ouvido que ouve a Palavra, deve seguir o coração que a medita e as mãos que a põem em prática.

1. A FRATERNIDADE E A PALAVRA

“Inclinai o ouvido – obedecei à voz”

São muitas as palavras que se dizem e se ouvem no âmbito da paróquia. Muitas vezes, arrastados por elas, sobretudo em contextos ruidosos e frenéticos, arrisca-se a perder a capacidade de selecioná-las e a possibilidade de dar-lhes um sentido autêntico.

São Francisco sugere-nos que inclinemos o ouvido para escutar as Palavras que são *espírito e vida*. Portanto, a expressão *inclinai o ouvido* remete para o desejo de ouvir, de orientar o ouvido para o Senhor que fala e para uma ascética da escuta especialmente salutar para o nosso tempo. Também a paróquia necessita dessa *ascética da escuta*, de forma a fazer aparecer o primado da Palavra. O perigo que seja assemelhada a todas as outras palavras pode ser evitado por esta *inclinação* do ouvido, que expressa, ao mesmo tempo, o desejo de ouvir a Palavra de Deus e o esforço de agir de tal forma que essa escuta seja possível. É a essa escuta que é preciso dar o primado se quisermos que nosso ouvido se incline, nas melhores disposições, para ouvir a voz dos irmãos.

Numa paróquia orientada pelos Frades, são eles, como Fraternidade, que por primeiro inclinam o ouvido para a escuta da Palavra de Deus,

reservando-se com cuidado tempos e lugares a serem dedicados a esse primado. Na celebração eucarística, na Liturgia das Horas, na *Leitura orante da Palavra* e em outras formas celebrativas e pessoais, os Frades aprendam a linguagem de Deus, assumam pouco a pouco sua lógica e convertam dia após dia o próprio homem carnal, aquele que nos torna “miseráveis e contrários ao bem, mas prontos e com vontade inclinada ao mal” (RnB 22,6), de forma a fazer nascer quotidianamente o homem espiritual e, portanto, uma Fraternidade espiritual. Cada Frade é convidado a fazer suas as palavras do profeta Isaías: “Cada manhã ele desperta meu ouvido, para prestar atenção como um discípulo” (Is 50,4). Depois, a própria Palavra, exatamente por sua capacidade unitiva, tende a unir *in unum* os Frades, infundindo os mesmos critérios interpretativos, fomentando uma linguagem comum, a linguagem que, juntos, os filhos aprenderam do Pai.

Dessa forma, a Fraternidade religiosa, por sua própria presença, é já “uma exegese da Palavra de Deus”¹⁶, uma exegese que fala com eloqüência àqueles que vivem na paróquia, induzindo cada um a inclinar o ouvido do próprio coração para a escuta da Palavra que salva e fomentando o surgimento de grupos de pessoas que desejam ouvir juntos, como irmãos, a Palavra do Pai.

Uma Fraternidade de chamados (*vocati*), que se vêem *con-vocati* pela mesma Palavra de vida, só poderá se tornar um “lugar de profecia”, sentindo-se “enviada ao mundo como Fraternidade evangelizadora, vivendo e anunciando o Evangelho, no seguimento de Jesus Cristo, por uma vida de pobreza, sob a inspiração do Espírito Santo, irmanada a todas as criaturas”¹⁷.

“Guardai em todo o coração”

O apelo de São Francisco nos remete para a parábola evangélica da semente: a semente que caiu na estrada ou entre as pedras não pôde criar raízes, como também a semente sufocada pelos espinhos não teve o espaço suficiente para poder viver. A vida da semente é decidida pela acolhida profunda e pela vontade de guardá-la, na convicção de que entre todas as palavras, a Palavra do Senhor tem a primazia.

O convite de São Francisco adquire hoje uma intensidade totalmente particular. O *guardar com todo o coração* representa para nós hoje um grande esforço, a partir do momento em que queremos viver na

16 BENTO XVI, *Discurso por ocasião da XII Jornada da Vida Consagrada*, 2 de fevereiro de 2008.

17 SCHALÜCK, H., *Encher a terra com o Evangelho de Cristo*, Carta de Pentecostes, 1996, 72.

pressa, no tumulto de mensagens contraditórias apresentadas com as mais sofisticadas seduções. A distração permanente torna dificultosa a guarda da Palavra e a superficialidade da vida na qual estamos mergulhados tende a roubá-la, a fazer evaporar sua mensagem e sua força profética.

O cuidado mais eficaz para não perder a Palavra acolhida é *permanecer* com ela. No decorrer da tradição cristã, esse *permanecer* assumiu vários nomes e formas: *leitura orante*, meditação, estudo, rinação, oração, contemplação, *lectio divina*, etc. É nesta linha que o Ministro geral adverte os Frades com as seguintes expressões: “freqüentar a Palavra, aproximar-nos dela, rondá-la e cortejá-la, fazer-lhe silêncio e escutá-la, familiarizar-nos com ela, considerar esta Palavra um tesouro no cofre da memória, pois afinal, em dado momento, fez arder nosso coração, deixar-nos surpreender por ela, permitirá que nos movamos no ritmo da música de Deus, como Francisco, e nossa vida recuperará juventude”¹⁸.

A aspiração a *permanecer*, encontra em Francisco um modelo exemplar: “Realmente, ele tinha muitas coisas com Jesus: sempre trazia Jesus no coração, Jesus na boca, Jesus nos ouvidos, Jesus nos olhos, Jesus nas mãos, Jesus nos demais membros” (1Cel 115,5). Nessas expressões, é fácil notar que a Palavra acolhida assimila o ouvinte a si, tornando-o pouco a pouco conforme, semelhante ao conteúdo da Palavra e, por fim, semelhante Àquele que é a própria Palavra, Cristo. Assim, os estigmas são também o selo de uma Palavra ouvida e guardada, que frutificou, tornando o amante semelhante ao amado (cf. LM 13,5), transformando Francisco em *alter Christus*.

Na paróquia, o *permanecer* com a Palavra, reservando-lhe o tempo oportuno, significa deixar-se evangelizar por ela. A passagem para o discipulado e o apostolado acontece nesse *permanecer*. E é aqui que acontece o “encontro vital que faz perceber no texto bíblico a palavra viva que questiona, orienta, plasma a existência”¹⁹. O Mestre revela-se ali, educa o coração e a mente. “É ali que amadurece a visão de fé, aprendendo a ver a realidade e os acontecimentos com o olhar do próprio Deus, até ter o pensamento de Cristo”²⁰.

A propósito disso, falando aos consagrados, o Papa João Paulo II disse: “É necessário que não vos canseis de meditar a Sagrada Escritu-

18 CARBALLO, J.R., *Mendicantes de sentido, guiados pela Palavra*, Carta de Pentecostes, 2008, 20.

19 JOÃO PAULO II, *Novo millennio ineunte*, Carta apostólica, 2002, 39.

20 CIVCSVA, *Repartir de Cristo*, Instrução, 2001, 24.

ra e, sobretudo, os santos Evangelhos, para que se imprimam em vós os traços do Verbo encarnado”²¹.

Para tornar fecunda essa permanência e imprimir no rosto da paróquia os sinais visíveis do Filho de Deus, é indispensável cuidar:

- da leitura orante da Bíblia,
- dos tempos para a meditação pessoal,
- do estudo e do aprofundamento da sagrada Escritura,
- da atualização da teologia,
- da leitura comunitária e da interpretação dos sinais dos tempos,
- do conhecimento e da contínua atenção à cultura ou às culturas locais, em vista da aculturação do Evangelho,
- da formação permanente em nível de diálogo e em todos os níveis.

Uma particular forma de *permanecer* com a Palavra, para depois observá-la de todo o coração, é o *estudo*. A tradição franciscana nos ensina que o edifício da Ordem deve ser construído sobre dois pilares, isto é, sobre a santidade da vida e sobre a ciência (cf. Eccleston 90) e é por isso que “os mestres franciscanos são propostos como exemplo admirável desse diálogo fecundo entre a ciência e a santidade”²². Sendo um indispensável suporte para anunciar o Evangelho, os estudos são para nós “uma exigência fundamental da evangelização”²³ e é por isso que “hoje mais do que nunca é necessário promover em nossa Ordem a formação intelectual”²⁴, tendo sempre presente que os estudos “estão a serviço da qualidade” de nossa vida²⁵. Por isso, a existência de grupos bíblicos, como também os encontros sobre a Palavra de Deus, devem ser tidos em grande conta em nossas paróquias.

Cumpri perfeitamente

Depois da escuta e da disponibilidade de observar a Palavra, Francisco acrescenta o elemento conclusivo e indispensável: pôr em prática o que se recebeu. Com efeito, a meditação visa a viver e a encarnar a Palavra”²⁶. Sem este elemento operativo, sem a encarnação da Palavra,

21 JOÃO PAULO II, *Homilia por ocasião da V Jornada da Vida consagrada*, 2 de fevereiro de 2001, 3.

22 *Ratio studiorum OFM*, Apresentação, 2001.

23 JOÃO PAULO II, *Mensagem ao Capítulo geral de San Diego*, 1991, 6.

24 *A Ordem e a Evangelização hoje*, Documento do Capítulo geral 1991, 10.

25 *Ratio studiorum...* l.c., 2001.

26 *Mendicantes de sentido...*, 27.

não existe verdadeiro conhecimento evangélico; e um saber dissociado da vida levará à morte “os religiosos – admoesta São Francisco – que não querem seguir o espírito da divina Escritura” (*Ad 7*; cf. *Ad 5*).

Para Francisco e a escola franciscana, pois, a única e verdadeira maneira de saber é encarnar a Palavra, cumprindo o que ela diz. Trata-se de um conhecimento experiencial, pelo qual nos envolvemos com a Palavra num clima interior, no qual está constantemente presente a pergunta: “Senhor, que queres que eu faça?” E a resposta: “Fá-lo-ei de boa vontade, Senhor” (LTC 6.13). No dia da abertura do Sínodo sobre a Palavra de Deus, o Santo Padre afirmava da Igreja: “Se o anúncio do Evangelho constitui sua razão de ser e sua missão, é indispensável que a Igreja conheça e viva aquilo que anuncia, para que sua pregação seja crível, apesar das fraquezas e da pobreza dos homens que a compõem”²⁷.

Nossa tradição franciscana, a ser valorizada na paróquia, dá, pois, um valor básico à experiência, à concretude de uma Palavra que continuamente se faz carne nas mais diferentes situações quotidianas.

2. A FRATERNIDADE A SERVIÇO DA PALAVRA

Uma Fraternidade evangelizadora que presta serviço numa paróquia encontra na Palavra “o alimento para a vida, para a oração e para a caminhada diária, o princípio de unificação da comunidade na unidade de pensamento, a inspiração para a constante renovação e para a criatividade apostólica”²⁸. Desse modo, os Frades se tornam homens livres, evangélicos, proféticos e “poderão ser autênticos *servos da Palavra* no esforço da evangelização”²⁹.

Nutridos pela Palavra, os Frades sentem o ardor de nutrir com a mesma Palavra os irmãos e as irmãs que estão a seu lado, de comunicar, com a vida e com a palavra, aquilo que ouviram, viram, contemplaram e tocaram (cf. 1Jo 1,1). Realmente, a paróquia pode tornar-se uma *grande mesa* sobre a qual é posto o alimento da Palavra de Deus, a ser distribuído com generosidade, competência e com a autoridade que brota da experiência vivida; um lugar de experiência de Deus, de maneira que se possa “contemplar, em toda a sua profundidade, o mis-

27 BENTO XVI, *Homilia para a abertura da XII Assembléia do Sínodo dos Bispos*, 8 de outubro de 2008.

28 *Repartir de Cristo...*, 24.

29 *Novo millennio ineunte...*, 24.

tério que se esconde no ser humano, nos acontecimentos, na história, na natureza e naquilo que aponta para o Deus vivo”³⁰.

A Palavra de Deus tem como que uma exigência interna: após ter chamado e convocado os Frades de uma Fraternidade, depois de tê-los evangelizado e assemelhado a si, agora é ela mesmo que envia. É o dinamismo próprio da Palavra, tão evidente nos profetas e nos apóstolos. É o mesmo dinamismo que encontramos na vida dos santos. Foi assim também com Francisco, que, inebriando-se com a Palavra, tornou-se seu servo a ponto de afirmar: “Sendo servo de todos, tenho por obrigação servir e ministrar a todos as odoríferas palavras de meu Senhor” (2Fi 2).

Como seguidores de Francisco, os Frades estão convencidos de que o primeiro serviço prestado à Palavra é o do louvor ao Senhor (cf. *Ord* 8).

Em nossas paróquias, talvez, essa *atitude do louvor deverá* ser recuperada, como elemento típico do relacionamento franciscano com a Palavra de Deus. O louvor, a admiração, o espanto, a maravilha, a exaltação expressam o conhecimento do coração, que não deve ser separado do conhecimento intelectual. O próprio convite que São Francisco dirige a todos os Frades está tomado pela convicção de que falar de Deus é louvá-lo: “pois com este intuito ele vos enviou por todo o mundo, para que, por palavras e obras, deis testemunho de sua voz e anunciéis a todos que não há ninguém onipotente além dele” (*Ord* 9).

A caracterização franciscana da paróquia inclui dar a primazia à *evangelização* sobre a prática sacramental e devocional, prestando atenção para que também esta se torne lugar de evangelização. A paróquia é o espaço privilegiado onde se recebe e se acolhe a Palavra e de onde a Palavra se encaminha para as pessoas. Dever-se-á, portanto, dar particular atenção à intensificação da oferta de múltiplas formas de anúncio:

- formação bíblica,
- missão ao povo,
- espaços e momentos de caráter experiencial para fomentar o encontro com o Senhor,
- retiros espirituais,
- escuta e acompanhamento personalizado,
- utilização dos diferentes meios de comunicação,
- catequese adaptada aos grupos de iniciação à vida cristã e de amadurecimento da fé,

- diferentes iniciativas de diálogo e de encontros.

Uma Fraternidade paroquial enviada pela Palavra terá especial cuidado por aqueles que estão distantes da comunidade eclesial, pelos jovens, pelos socialmente excluídos, por quem tenha abandonado a prática religiosa e por quem sentiu que se afastou. Junto com os colaboradores leigos, com criatividade apostólica e fantasia pastoral – frutos típicos da comunhão –, poderá empreender novas formas de encontro, realizando visitas missionárias, promovendo ocasiões de acolhida e de contatos. Será a própria Palavra de Deus a sugerir os passos oportunos e a sustentá-los com sua força.

O laço entre a Palavra de Deus e o homem contemporâneo exige a necessidade de respeitar uma dupla fidelidade: à mensagem evangélica e aos homens de hoje. Para este complexo esforço, os Frades deverão apoiar-se particularmente na colaboração dos leigos. Por causa disso, na paróquia franciscana investir-se-á muito na formação dos fiéis cristãos, a fim de que eles tenham condições de dar a razão da esperança e da fé, de dialogar com a cultura atual, com as religiões e com o pluralismo da sociedade atual.

Um capítulo importante do anúncio da Palavra de Deus é o da *pregação* e o da *homilia*, que representa seu aspecto eminente. A Fraternidade paroquial sabe muito bem que, para a maioria dos fiéis, a homilia é o principal momento do encontro com a Palavra de Deus. É por isso que ela deve ser muito considerada. A propósito disso, a tradição franciscana tem um rico patrimônio a transmitir. Vejamos algum elemento disso:

- *Uma grande aderência ao auditório.* Nossos santos pregadores eram finos conhecedores da cultura e da linguagem do povo. Falavam a língua de Deus na língua do povo. Seu exemplo nos estimula a conhecer sobretudo o homem de nosso tempo e sua linguagem, se quisermos ser compreendidos. Por isso, *inclin*ar o ouvido para escutar a voz do Filho de Deus não exige a paróquia de *inclin*ar novamente o próprio ouvido para escutar a voz dos filhos de Deus.
- *Simplicidade e popularidade.* Em sua *Saudação às virtudes*, São Francisco une a rainha sabedoria à sua irmã, a pura e santa simplicidade (SV 1). O falar simples – de modo breve, ponderado e casto – é facilmente aceito por todos e, com naturalidade, fixa-se no essencial que se quer transmitir. Também o caráter popular é uma nota tipicamente franciscana, valorizada por muitos santos que gostavam a enriquecer a pregação com exemplos, contos, experiências de vida, episódios de crônica, que despertavam

grande interesse nos ouvintes, mas sem vangloriar-se nem se exaltar pelas boas palavras e pelas obras que Deus podia realizar através deles (cf. *RnB* 17,6; *Ad* 2,3; 8,3; 12,2; 17,1; 21,2; 28,1). No fundo, o exemplo desse métodos nos é oferecido pelo próprio Senhor, que gostava de falar em parábolas e partir da vida concreta para poder captar a atenção do auditório e assim semear sua mensagem.

- *Conteúdos concretos.* São os que brotam das verdadeiras fontes da revelação, nos quais o pregador deve sempre beber pelo estudo e pela oração, e nos quais enraizar a própria fé. Além disso, na Regra, São Francisco afirma: “Admoesto também e exorto os mesmos irmãos a que, na pregação que fazem, seja sua linguagem examinada e casta, para a utilidade e edificação do povo, anunciando-lhe, com brevidade de palavra, os vícios e as virtudes, o castigo e a glória; porque o Senhor, sobre a terra, usou de palavra breve” (*RB* 9,4-5). São Bernardino nos dá um esplêndido testemunho de uma pregação incisiva e aculturada, que se resume em três adjetivos: *bom, breve, claro*.
- *Falar com autoridade.* A tradição franciscana oferece-nos modelos de pregadores que anunciavam a mensagem evangélica com a vida, antes mesmo de anunciá-la com a palavra. Sua língua não estava embaraçada por causa da distância entre o dizer e o fazer! Isso lhes conferia uma grande espessura de autoridade e uma explosiva força profética, capaz de levar os ouvintes à decisiva pergunta interior: “O que devemos fazer?” (*At* 2,37). São Boaventura, numa admirável síntese, afirma que são três as coisas necessárias a quem pretende apresentar a palavra de Deus: “a primeira é a ciência que dá a regra, a segunda é a eloqüência para explicá-la, a terceira é a vida que confirma a ambas. Apresentar a palavra de Deus sem a ciência que dá as regras é perigoso, sem a eloqüência é inútil, sem a vida que orna uma e outra é ignominioso”³¹.
- *Criatividade.* Reconhecendo que o Espírito do Senhor é o protagonista da evangelização, a pregação franciscana sempre este-

31 SÃO BOAVENTURA, *Sermões dominicais*, 17,1, Città Nuova Editrice, Roma, 1992: “primum est scientia regulans, secundum est facundia exprimens et tertium est vita utrumque confirmans. Proponere enim verbum Dei sine scientia regulante est periculosum, sine facundia exprimere est infructuosum e sine vita utrumque decorante est ignominiosum” (*Dominica III in Quadragesima, Sermo 1, Introductio*, in *Opera Omnia*, IX, 222a, Ed. Quaracchi).

ve aberta a seu influxo, que nenhum esquema homilético pode conter. Assim, São Francisco unia a palavra aos gestos e estes, por vezes, substituíam aquela, tão eloqüentes eram os gestos! Várias formas de pregação do passado, hoje improponíveis, respondiam plenamente às exigências do povo naquele tempo preciso. Se não puderem ser repetidas materialmente, devido à distância cultural, impelem-nos, porém, a procurar novas formas de aculturar a palavra de Deus em nosso tempo.

Sugestões para a reflexão sobre esta dimensão

1. *Ler, meditar e confrontar-se:*
 - *Mc 3,13-19; Lc 10,1-24; Rm 10,14-17; 1Cor 9,15-18.*
 - *RnB 17,1-7; RB 9.*
 - *CCGG 22, 83, 100, 102, 103, 99; Encher a terra com o Evangelho de Cristo, 49, 50, 58, 62, 63, 68, 84, 85; Ratio Formationis Franciscanae 12; 27; 29; Ratio Studiorum OFM 63-66; O Senhor nos fala pelo caminho 14; 17.*
 - *Evangelii Nuntiandi 11-12; 43; Novo millennio ineunte 39-40; Vida consagrada 94; Repartir de Cristo 24.*

2. *Que aspectos dessa dimensão estão presentes na vida da Fraternidade e na vida da paróquia? Depois de um discernimento comunitário, assumir ou reforçar algumas iniciativas.*

2. Adoradores em espírito e verdade com todas as criaturas (*liturgia*)

“*Suplico a todos vós, irmãos, beijando-vos os pés e com a caridade de que sou capaz, que manifesteis toda a reverência e toda a honra que puderdes ao santíssimo corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Ord 12)

São Francisco vive os mistérios de Cristo (cf. *2Cel* 217), presentes e operantes na liturgia, fazendo do Senhor o centro de toda a sua existência. Francisco experimenta essa centralidade de Cristo na liturgia, que ele celebra não só segundo as disposições da Igreja, mas abrindo-se às inspirações do Espírito, verdadeira alma de qualquer ação e gesto litúrgico, numa criatividade verdadeiramente admirável, onde toda a sua pessoa, também o *irmão corpo*, encontra seu espaço adequado. Em seu amor pela paixão do Senhor, por exemplo, ele a lê continuamente, chora-a, reza-a e a revive (*Test* 4-5; *LM* 4,3; 13,1-5; *LTC* 14). É o Espírito que lhe sugere as diferentes linguagens com as quais celebrar seu relacionamento com Deus; afinal, é o Espírito que habita nos fiéis, tornando-os seu templo, de forma que possam adorar o Pai em espírito e verdade (cf. *RnB* 21,30; *Ad* 1,12; *1Fi* 1,6; *2Fi* 10,48). Francisco está totalmente convencido disso: afinal, quando pregadas, para ele as palavras do Evangelho são “palavras do Espírito Santo” (*2Fi* 3) e “desejar possuir o Espírito do Senhor” acima de qualquer coisa constitui a máxima aspiração de qualquer cristão (cf. *RB* 10,8). Por isso, proclama a prioridade do *espírito de oração e devoção*, ao qual devem servir todas as outras coisas temporais (cf. *RB* 5,2).

1. FRATERNIDADE EUCARÍSTICA

Na Eucaristia, Francisco contempla o cotidiano natal do Filho de Deus, que se dá a seus irmãos como alimento, realizando assim sua presença real em meio aos homens até o fim dos tempos (cf. *Ad* 1). Para ele, “a centralidade da Eucaristia” é “uma realidade viva, expressamente recomendada a toda a Ordem³². De fato, afirma Francisco: “Nada possuímos e vemos corporalmente neste mundo do próprio Altíssimo, a não ser o corpo e o sangue, os nomes e as palavras mediante as quais fomos criados e redimidos da morte para a vida” (*1Cl* e *2Cl* 3; cf. *Test* 10). E mais, de acordo com as convicções de seu tempo, quer que “nos lugares em que

32 *Encher a terra...*, 77; centralidade, continua o texto, que “tem sua continuação no sacramento da reconciliação, que, em Cristo, nos leva à reconciliação com todas as criaturas”. (78).

moram os frades se celebre uma só missa por dia, segundo a forma da santa Igreja” (Ord 30). E em diversas ocasiões recomenda a comunhão do corpo e do sangue de Cristo (cf. *RnB* 20,5; *Ad* 1,12-13; *1Fi* 1,3.2,2; *2Fi* 22-24.63; *Ord* 17-19).

A exemplo de Francisco, a Fraternidade pretende viver a liturgia como “cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte da qual emana todo o seu vigor”, segundo o ensinamento do Concílio Vaticano II³³. E, em particular, viver as palavras de Cristo e o dom que ele faz de si mesmo na Eucaristia, como duas realidades inseparáveis que constituem a raiz da comunidade franciscana e paroquial.

Quando a Fraternidade está centrada na Eucaristia:

- *Forma-se e se constrói* na mesa da Palavra e do Pão da vida. Do nexó entre Palavra e Eucaristia, o Ministro geral afirma: “Quero recordar aos Frades que existe uma íntima e profunda relação entre Palavra de Deus e comunidade eucarística, entre obediência à Palavra de Deus e vida da comunidade que celebra a Eucaristia, entre a força da fé e o apego à Palavra do Senhor, entre discernimento da vontade de Deus e meditação assídua de sua Palavra”³⁴. E mais, no início do Sínodo sobre a Palavra, o Relator geral afirmou: “Quer seja sob a forma de Palavra a ser crida ou de Carne a ser comida, a Palavra proclamada e a Palavra pronunciada sobre as ofertas participam do mesmo evento sacramental”³⁵.
- *Aprende a arte da comunhão fraterna*, do acolhimento recíproco, do respeito pela diversidade dos Frades, que deve ser aceita “em sua realidade própria” (CCGG 40). É uma espécie de *gramática litúrgica* que torna eucarística a vida em Fraternidade.
- *Nutre seu espírito de minoridade*, como Francisco, que via na Eucaristia quase um aniquilamento onde se manifesta a humildade de Deus: “Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a módica forma de pão! (Ord 27-29; cf. *Ad* 1,16-18). Dessa contemplação de um Deus

33 *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a liturgia do Concílio Vaticano II, 1963, 10.

34 CARBALLO, J.R., *Com lucidez e audácia*, Relatório ao Capítulo geral extraordinário, 2006, 55.

35 CARD, N, QUELLET, *Relatório na primeira congregação do Sínodo dos Bispos*, 6/10/2008, II, 1a.

“menor”, nasce facilmente o amor preferencial pelos pequenos e os “menores”, imagens eloqüentes da humildade divina.

- Tira *sua força para a evangelização* da consciência de que nenhuma obra pode ser edificada sem o fundamento da Eucaristia, que “se põe como fonte e também como cume de toda a evangelização”³⁶. Com efeito, a tensão missionária “é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã”³⁷.
- Adquire *a força do perdão* que deve ser dado e ser pedido, especialmente, da oração que o Senhor nos ensinou: “perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Existe um pedagogia do perdão, “porque o homem que perdoa ou pede perdão compreende que há uma Verdade maior do que ele”³⁸. Portanto, para que o ato interior do perdão se torne uma disposição estável, é preciso fazer continuamente a experiência do amor misericordioso de Deus³⁹.
- Aprende *o método da encarnação*; o método que faz a Palavra passar pela vida, eliminando assim o freqüente risco de separar a oração da ação. As inefáveis palavras que constituem o próprio coração da fé cristã – *o Verbo se fez carne* – são também o insuperável ensinamento de como agir com a Palavra recebida: só pode tornar-se *carne*.
- Trocando o sinal de paz, torna-se dia após dia uma *Fraternidade de paz*, que a vive no seu seio e que, portanto, pode proclamá-la e dá-la na verdade e na alegria.
- Consciente do íntimo nexos entre o Pão da vida e o pão quotidiano, a Fraternidade cresce também *na solidariedade para com os pobres, no compromisso pela justiça e pela integridade da criação*.

36 JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia*, Carta encíclica, 2003, 22.

37 BENTO XVI, *Sacramentum caritatis*, Exortação apostólica pós-sinodal, 2007, 84.

38 JOÃO PAULO II, *Não existe paz sem justiça, não existe justiça sem perdão*, Mensagem para a XXXV Jornada Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2002, 13.

39 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Prebítero: Mestre, Ministro, guia*, Carta circular, 1999, 3,3.

2. A FRATERNIDADE EVANGELIZA COM A LITURGIA

Recentemente, nossa Ordem se descreveu como uma *Fraternidade-contemplativa-em-missão*. Nesta expressão, está contida a consciência de que o anúncio do Evangelho é nossa *razão de ser* e também a convicção de que as *raízes da evangelização* estão fundadas na contemplação. Só um coração rico de Deus pode falar dele. Mas estar com Ele constitui já uma admirável evangelização que a paróquia pode oferecer aos próprios fiéis.

A Fraternidade evangeliza através da liturgia de várias maneiras, mas sobretudo fazendo a memória de nossa rica tradição espiritual e pastoral. Nela encontramos uma constante: a atenção em oferecer aos fiéis algo “palpável”, que una mente e coração aos mistérios do Salvador. Só alguns exemplos: o Presépio de Greccio, a viva atração pelo Crucifixo, o Nome de Jesus, a Via-Sacra, a adoração do santíssimo Sacramento, a quaresma, as jaculatórias, uma especial veneração à Virgem Imaculada, a devoção aos Anjos e aos Santos.

Para evangelizar o povo de Deus através da liturgia e da “arte da oração”⁴⁰, tendo presente a multiforme riqueza da tradição franciscana e sua capacidade criativa, sugerem-se algumas orientações:

- *Preocupar-se com a celebração e a espiritualidade eucarística.* A melhor catequese-evangelização sobre a Eucaristia é a própria celebração realizada dignamente. E “entre as numerosas atividades que uma paróquia desenvolve, nenhuma é tão vital ou formativa para a comunidade quanto a celebração dominical do dia do Senhor e de sua eucaristia”⁴¹. Antes e mais do que “a quantidade das formas” de devoção, o próprio São Francisco ensina a privilegiar “a qualidade do culto” eucarístico, num “encontro que eleva e transforma sob a ação do Espírito, abrindo o caminho para a experiência mística do sacramento”⁴². A esse propósito, como não recordar as enormes multidões de fiéis que participavam das missas celebradas por nossos Santos, onde a apaixonada celebração já era uma eloqüente e esplêndida homilia?
- *Prestar reverência e honrar* o sacramento eucarístico, tendo presentes as palavras de Francisco: “Todos aqueles, portanto, que ministram tão santos mistérios, especialmente os que os minis-

40 *Novo millennio ineunte...*, 32.

41 JOÃO PAULO II, *Dies Domini*, Carta apostólica, 1998, 35.

42 FALSINI, R., *Eucaristia*, in *Dicionário Franciscano*, Vozes/Cefepal, Petrópolis, 1993, 224-235.

tram indiscretamente, considerem em seu íntimo como são de má qualidade os cálices, os corporais e as toalhas em que se sacrifica o corpo e o sangue de nosso Senhor” (2Fi 4). O amor de Francisco e de Clara pela Eucaristia evidencia-se, como vemos em seus escritos, nas mil atenções e num terníssimo apego ao Corpo e Sangue do Senhor, única posse e única visão do Altíssimo que temos nesta terra (cf. *Test* 10; 1 e 2Cl 3; *LSC* 28). Seu testemunho chega a nós e nos exorta a prestar “toda a reverência e toda a honra ao santíssimo corpo e sangue do Senhor nosso Jesus Cristo” (*Ord* 12).

- Na oração paroquial, *reservar um lugar de destaque à liturgia das horas*, “a oração da Igreja por excelência, destinada a ritmar os dias e os tempos do ano cristão, oferecendo, sobretudo com o Saltério, o alimento quotidiano ao fiel”⁴³. Portanto, a Fraternidade que reza na paróquia sinta-se estimulada a agir de forma que a liturgia das horas, sobretudo as laudes e as vésperas, alimente eficazmente a vida espiritual do povo de Deus⁴⁴.
- *Criar diversas e novas formas de celebração e de partilha da fé*. Uma praxe recomendada pela tradição da Igreja é a *Lectio divina* ou *Leitura orante da Palavra*, que, como nos recorda o Ministro geral, “é um caminho para Deus e, como qualquer caminho, também este deve ser proporcional ao passo, à força e ao ritmo de quem caminha”, cujo resultado é “o encontro com Deus através da Palavra lida, ouvida, acolhida, rezada, contemplada e vivida nos dias feriais de nossa existência”⁴⁵.
- *Unir a liturgia e a vida*. A exemplo de Francisco, que levava a vida concreta para a liturgia e fazia tornar-se oração o viver quotidiano, a paróquia se torne o “ginásio” onde se aprende a passagem da liturgia para a vida concreta dos homens, de forma que os fiéis, regenerados pelas celebrações, sintam-se impelidos a edificar o Reino nas realidades em que estão imersos.
- *Preparar lugares adaptados para a meditação*, como oásis de silêncio, de paz. Nos espaços paroquiais, junto aos lugares escolhidos para os encontros, seria bom reservar algum cantinho

43 A *palavra de Deus na trama da história*, Mensagem final do Sínodo dos Bispos, 2008, 9.

44 Cf. PAULO VI, *Laudis canticum*, Constituição apostólica, 1970, 8; CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Princípios e normas para a liturgia das horas*, Decreto de 1971, 40.

45 *Mendicantes de sentido...*, 25.

para a oração pessoal e, onde for possível, um ambiente onde a natureza possa ajudar o espírito a se regenerar e se reencontrar na harmonia com a criação e o Criador. Afinal, somente na intimidade com Ele pode-se compreender o significado da vida, experimentando a alegria que, com Pedro no Tabor, faz exclamar: “Senhor, é bom estarmos aqui” (Lc 9,33)⁴⁶.

- *Valorizar a religiosidade popular*, como fonte de espiritualidade e como caminho para a aculturação, sendo grande para muitos “o desejo de viver e de celebrar sua fé em formas adaptadas à própria cultura” (CCGG 92 §2). No mais, foi exatamente a índole popular que inspirou muitas formas de piedade e de devoção, que devem ser valorizadas e purificadas sabiamente no verdadeiro espírito do Evangelho.
- *Fomentar a espiritualidade franciscana* na paróquia, conscientes da grande riqueza humana e espiritual contida nas mais diferentes expressões da tradição da Ordem: um caminhar para o Pai, nas pegadas do Senhor Jesus, na força do Espírito (cf. *Ord* 50-52).
- *Promover celebrações de caráter ecumênico*, assumindo o “espírito de Assis” e fomentando encontros de oração com os membros das diversas religiões, visando a paz no mundo.
- *Encontrar os caminhos pedagógicos adequados para a celebração da reconciliação*, quer para o sacramento da Penitência, quer para formar nos fiéis um espírito reconciliado com Deus, com os irmãos, com a criação.
- *Oferecer simplicidade e acolhida*. Toda a liturgia deverá respirar a beleza da simplicidade, não só nas ações litúrgicas, mas iniciando pelos espaços sagrados, conventos e regiões próximas, a fim de favorecer o espírito de acolhida, num clima cômodo e sereno.
- *Recordar* que a “ação pastoral de maior destaque, decididamente, é a *espiritualidade*. Qualquer plano pastoral, qualquer projeto missionário, qualquer dinamismo na evangelização que prescindisse do primado da espiritualidade e do culto divino seria fadado ao fracasso⁴⁷. Não só, pois o olho treinado na con-

46 Cf. JOÃO PAULO II, *Spiritus et Sponsa*, Carta apostólica no XL Aniversário da Constituição “Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada Liturgia, 2003, 11.

47 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, Instrução, 2002, 11.

templação vê o melhor o que deve ser feito, forjando o “tipo de instinto sobrenatural”⁴⁸ que sabe olhar para além das aparências, que sabe orientar para verdadeiras opções evangélicas.

Sugestões para a reflexão sobre esta dimensão

1. *Ler, meditar e confrontar-se:*

- *Jo 4,21-24; 13,1-20; Mt 26,26-29; 1Cor 11,17-27.*
- *Ad 1,8-23; 3; Ord 23-27.*
- *CCGG 19; 20; 21; Encher a terra..., 78-79; Ratio Formationis..., 13; 14; 15.*
- *Evangelii... 47; 48; Novo millennio..., 32-37; Vida consagrada 95. Repartir..., 26.*

2. *Que aspectos dessa dimensão estão presentes na vida da Fraternidade e na vida da paróquia? Após um discernimento comunitário, assumir ou reforçar algumas iniciativas.*

3. Sinais e agentes de comunhão (koinonia)

“Procurando cultivar com todos os homens a mesma comunhão fraterna que cultivam entre si” (CCGG 87, §1).

Pensando no Frade menor ideal, Francisco descreve-o assim: “Seria bom Frade menor aquele que tivesse a vida e as qualidades destes santos frades: a fé de Frei Bernardo... a simplicidade e a pureza de Frei Leão... a cortesia de Frei Ângelo... o aspecto gracioso e o senso natural com a conversa agradável e devota de Frei Masseur...” (2EP 85). É na Fraternidade, e mais ainda, nesta Fraternidade concreta em que vive o verdadeiro Frade menor, e que tem precisamente as características de cada membro que a compõe.

É a conseqüência lógica da maneira como Francisco quis sua Ordem: “Quero que esta fraternidade se chame Ordem dos Frades Menores” (2Cel 38; cf. CCGG 1 §1). Quer dizer, a fraternidade constitui o elemento básico de nosso carisma, qualifica as relações entre os membros do grupo que se formou em torno a Francisco e indica os modos de relacionamento desse grupo com o mundo exterior. Por isso, o título do 3º capítulo das *Constituições*, “Vós sois todos irmãos” (RnB 22,23), ao mesmo tempo em que lembra nossas origens, encontra sua explicitação no título do 5º capítulo, “Por isso Deus vos enviou pelo mundo” (Ord 9). Esse é o nosso modo de ser e de estar na Igreja e no mundo⁴⁹.

1. A FRATERNIDADE, TESTEMUNHA DE COMUNHÃO

Na Carta *Novo Millennio Ineunte*, entre as prioridades que João Paulo II cita para “sermos fiéis ao plano de Deus e para responder também às expectativas profundas do mundo”, está a de “promover uma espiritualidade de comunhão”, pois “a comunhão encarna e manifesta a própria essência da Igreja”⁵⁰. E na Exortação apostólica *Vida consagrada*, o Papa já havia confiado às pessoas consagradas a tarefa de “fazer crescer a espiritualidade da comunhão primeiramente em seu próprio interior e depois na própria comunidade eclesial e para além de seus limites, abrindo ou reabrindo constantemente o diálogo da caridade”⁵¹.

49 Cf. BONI, A., *Fraternidade*, in *Dicionário franciscano...*, 270-279; *Com lucidez e audácia...*, 59ss.

50 *Novo millennio ineunte...*, 42.

51 *Vida consagrada...*, 51.

Nós, Frades menores, podemos e devemos dar nossa contribuição para a *escola da comunhão* também na pastoral paroquial, pois nascemos como Fraternidade-contemplativa-em-missão: uma Fraternidade onde se vive a comunhão e nos formamos para a comunhão; uma Fraternidade que se nutre da mesma mesa da Palavra; uma Fraternidade que tem sua razão de ser na difusão dessa Palavra.

Concretamente, isso acontece:

- Sendo *comunidade de irmãos* que se amam no Senhor, que dão a primazia à Palavra de Deus, que se encontram ao redor da mesa eucarística, que rezam em comum e que permanecem juntos, partilhando também os momentos de trabalho e projeção, de partilha e avaliação, de gratuidade e recreação. Hoje, mais do que nunca, é necessário o *testemunho comunitário* também na santidade, é preciso haver pessoas consagradas “peritas em comunhão”⁵², “forjadas interiormente pelo Deus da comunhão”⁵³;
- *com o envolvimento de todos os membros da Fraternidade*. O testemunho de vida pode e deve ser dado por todos os Frades que compõem a Fraternidade, clérigos e leigos, jovens e idosos, são e doentes, na diversificação dos compromissos e na valorização dos carismas;
- com a realização de um *equilíbrio entre espaços e tempos* exigidos pela Fraternidade e compromissos exigidos pela Pastoral. Este é um grande desafio para nossos tempos. O exemplo do Senhor Jesus e de São Francisco, que além do intenso apostolado sabiam dedicar a Deus e aos irmãos oportunos momentos de oração e de comunhão fraterna, será para nós uma ajuda na difícil tarefa de moderar com sereno equilíbrio os tempos do ser e do fazer, para *dentro* e para *fora*.

2. A FRATERNIDADE A SERVIÇO DA COMUNHÃO

A Fraternidade que, em seu seio, vive uma verdadeira comunhão, humana e espiritual, só poderá estar a serviço da comunhão de todos, a começar pelos paroquianos. Particularmente, para desenvolver tal serviço deverá ser uma Fraternidade:

- *de comunhão e de diálogo*, onde se vive na verdadeira catolicida-

52 *Vida consagrada...*, 46.

53 *Repartir de Cristo...*, 29.

de, em atitude de abertura à solidariedade e à fraternidade universal; uma Família religiosa movida pelo espírito missionário, atenta à interação entre espaço e territorialidade, à formação das comunidades multiculturais, à colaboração com as outras paróquias e com a Igreja diocesana;

- com um *projeto pastoral*, pensado e vivido como Fraternidade, onde cada um pode oferecer a própria contribuição a partir do fato de ser membro da Fraternidade. O conjunto dos carismas não foi recebido nem pelo guardião nem pelo pároco, mas ambos receberam o carisma do conjunto, isto é, a capacidade de avaliar o talento de cada um. Da mesma maneira, o relacionamento entre as duas figuras, do guardião e do pároco –com freqüência visto como uma questão não resolvida ou, ao menos, difícil, numa Fraternidade que desenvolve o serviço paroquial – poderá compor-se somente na própria lógica da comunhão;
- na qual vigora a *corresponsabilidade*. Uma Fraternidade que vive no seu interior a corresponsabilidade entre todos os Frades, tem, pois, a capacidade de ser exportadora do valor de comunhão: responsabilizando os fiéis leigos; promovendo sua diversidade de dons, de carismas pessoais, de ministérios; valorizando o relacionamento com os movimentos eclesiais; dando a justa importância aos vários Conselhos paroquiais;
- que saiba *colaborar com a Família franciscana*. Com particular atenção, os Frades promoverão na paróquia a presença da OFS e da Jufra, respeitando sua autonomia e, ao mesmo tempo, oferecendo-lhes a necessária formação e as orientações para uma inserção eficaz na ação pastoral da paróquia, de forma que possam difundir a espiritualidade franciscana secular e empenhar-se em favor dos valores do Reino nas realidades propriamente seculares. A presença da Jufra representa uma oferta a mais aos jovens em busca de sentido da vida, de sólidas experiências espirituais, de encontro com o Evangelho, de inserção na vida da Igreja;
- consciente de ser *enviada pela Fraternidade provincial* e de viver em comunhão com ela, na lógica do Projeto provincial de evangelização;
- que vive um *relacionamento de comunhão e de construção com a Diocese*: primeiramente cultivando “um relacionamento efetivo e afetivo com os Pastores”, jamais esquecendo que “amar a Cris-

to é amar a Igreja em suas pessoas e nas instituições”⁵⁴, como fez São Francisco; depois, com a participação e a colaboração e, sobretudo, com a acolhida das diretrizes e programas pastorais, a serem assumidos e vividos segundo o estilo franciscano. Este estilo deverá ser bem evidenciado no Convênio estabelecido entre a Diocese e a Província, para salvaguardar nosso carisma, um dom do Espírito à sua Igreja (*EEGG* 53)⁵⁵;

- que use a *metodologia do “nós”*. Esta consiste em imprimir o espírito de fraternidade, de diálogo e de comunhão em todos os aspectos da pastoral paroquial: na metodologia dos projetos, no modo de organizar as comunidades, no relacionamento com os outros grupos sociais locais, com as outras religiões, com as diversas culturas.

Sugestões para a reflexão sobre esta dimensão

1. Ler, meditar e confrontar-se:

- *Jo* 15,1-17; *Mt* 18,15-22; *1Cor* 12,1-30.
- *RnB* 5; *RB* 10; *TestS* 3.
- *CCGG* 38; 39; 40; 42; 52; 55; *Encher...* 69-72; *Ratio Formativnis...*, 19-21; *O Senhor nos fala...*, 31.
- *Evangelii...*, 77; *Vida consagrada* 41-42; 46; 48-52; 54-56; *Repartir...*, 28-32.

2. Que aspectos dessa dimensão estão presentes na vida da Fraternidade e na vida da Paróquia: Após um discernimento comunitário assumir ou reforçar algumas iniciativas.

54 *Repartir de Cristo...*, 32.

55 Cf. também CONGREGAÇÃO PELA OS RELIGIOSOS E OS INSTITUTOS SECLARES e CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS, *Mutuae relationes*, Notas diretivas, 1979, 57b. Segundo nossa legislação e a da Igreja, o Convênio entre o Bispo e o Ministro provincial, a quem compete a aceitação das Paróquias, não é facultativo: deve ser feito por escrito e devidamente assinado pelos contraentes. Os objetivos: indicar as responsabilidades e os direitos da Província, da Fraternidade e do pároco, como também os deveres e os direitos do Bispo diocesano; sobretudo, salvaguardar nossa identidade carismática. Afinal, devemos animar a Paróquia como *Frades menores*.

4. Contentes entre os pobres e promotores de paz (diaconia)

“E o próprio Senhor conduziu-me entre eles [os leprosos] e fiz misericórdia com eles. E ao afastar-me deles, o que me parecia amargo, converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo” (Test 2-3).

“E devem alegrar-se, quando conviverem entre pessoas insignificantes e desprezadas, entre os pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pela rua” (RnB IX, 2).

“O Senhor me revelou que, como saudação, disséssemos: O Senhor te dê a paz” (Test 23).

A Palavra e a liturgia têm seu natural desenvolvimento na caridade. Entre Palavra, liturgia e caridade existe uma profunda interação, como podemos constatar na pessoa do Senhor Jesus: o fato de ser Verbo revelador tornou-se suma liturgia com seu oferecimento como “altar, vítima, sacerdote” e insuperável caridade, já que “em sua vida mortal passou fazendo o bem e curando todos aqueles que eram prisioneiros do mal”⁵⁶. Também na vida de Francisco encontramos este nexos profundo: a Palavra acolhida e meditada eleva-se na apaixonada celebração e se concretiza no amor fraterno.

A caridade de Francisco dirige-se, particularmente, para o últimos da sociedade, para os *minores* facilmente descartados, evitados ou eliminados porque contam pouco, porque doentes, fracos ou mendigos. Nesse amor preferencial pelos últimos, Francisco pretendia honrar o Altíssimo, que quis escolher *o caminho da minoridade*, quer na encarnação, quer no sacramento do altar, onde quis humilhar-se e esconder-se “sob a módica forma de pão” (Ord 27). O Poverello quis tornar próprio o estilo de Deus que se despojou, assumiu a condição de servo, humilhou-se e se fez obediente até a morte de cruz (cf. Fl 2,5-8), foi “pobre e hóspede e viveu de esmolas, ele e a bem-aventurada Virgem e seus discípulos” (RnB IX,5). Por isso, decidiu seguir resolutamente o exemplo do Senhor e estimula seus Frades a fazer o mesmo: “Todos os irmãos se esforcem por seguir a humildade e a pobreza de nosso Senhor Jesus Cristo” (RnB IX,1).

“Paz entre o céu e a terra, paz entre todos os povos, paz em nossos corações”, assim canta o Hino das Laudes do Domingo, que parece fotografar o coração pacificado e pacificador de Francisco, que pretendia

dar a todos a saudação-mensagem de paz que lhe fora revelada pelo Senhor: “O Senhor te dê a paz” (*Test 23*). Convencido de que a verdadeira paz só pode vir de Deus, ele se sentia repleto desse dom de Deus, de maneira a se fazer seu arauto para todos.

1. A FRATERNIDADE TESTEMUNHA DA MINORIDADE

A minoridade descreve a maneira de ser uma Fraternidade franciscana na paróquia. Ela deve brilhar no modo de ser e de viver dos Frades, através de uma vida pobre, levada na humildade, caracterizada pela confiança em Deus, capaz de partilha e de solidariedade com os mais pobres e sofredores, pondo-se alegremente a serviço de todos e tendo diante dos olhos, como modelo, o ícone do lava-pés.

Além disso, os Frades que trabalham na paróquia deverão, com toda a humildade, considerar os outros superiores a si mesmos (cf. Fl 2,3), de maneira a serem instrumentos de paz e de justiça, comprometidos com a promoção humana, com a defesa dos direitos humanos, do ambiente, da vida em todas as suas manifestações, estudando e tornando conhecida a doutrina social da Igreja, educando para a paz e promovendo-a onde existem situações de conflito, testemunhando a proximidade aos pobres, aos doentes, aos sofredores, aos excluídos, procurando as causas e os meios de ajudá-los a conseguir uma vida digna, cultivando sempre a consciência de estar em missão no coração do mundo.

Uma paróquia confiada aos Frades menores encontra na minoridade uma inexaurível riqueza a ser oferecida: a de um Deus “menor” que se faz criança, pedindo o favor de uma veste de carne, que anda pelas estradas do mundo como peregrino e forasteiro, não tendo onde repousar a cabeça, que se deixa prender e pregar na cruz e morrer por amor a seus irmãos, que se doa cada dia como alimento de vida: quem poderá temer tal Deus? O anúncio de um Deus que salva fazendo-se servo poderá, antes, tocar as mais profundas cordas do coração humano, ou melhor, saberá dissolver os corações endurecidos. Conscientes dessa inefável graça, os Frades procurarão, de todas as formas, que tal anúncio seja feito mais com o testemunho da vida do que com a palavra; portanto, procurarão viver a minoridade como o estilo que o próprio Deus encarnado quis para si. E isso sem se gloriar nem se exaltar pelas boas obras e pelas palavras que Deus faz e diz através deles, mas restituindo tudo a Ele, verdadeiro autor de todo o bem (cf. *RnB 17,6; Ad 2,3; 8,3; 17,1; 18; 21,2; 28,1*).

2. UMA FRATERNIDADE QUE SERVE NO CORAÇÃO DO MUNDO

“Como peregrinos e forasteiros neste mundo, servindo ao Senhor em pobreza e humildade” (RB 6,3).

Vivemos a Fraternidade como menores no coração do mundo, partilhando os sinais de vida e de morte sobretudo com os mais pobres, repropoando assim “o modo de existir e de agir de Jesus”⁵⁷. A paróquia conduzida segundo o estilo da minoridade franciscana deverá ter sempre diante dos olhos o exemplo do Senhor Jesus, que se despojou para servir e se humilhou para obedecer ao projeto do Pai. O grande *dom da minoridade*, que o Senhor deu à Igreja e ao mundo através de Francisco e de seus filhos, infunde na pastoral paroquial um caráter especial, inconfundível, que se torna um grande testemunho e uma forte mensagem evangélica.

Para viver a minoridade no serviço paroquial, é preciso estar/ser:

- *entre as pessoas em atitude de serviço*. Afinal, estando entre as pessoas envolvemo-nos mais, colocamo-nos no lugar do outro, compreendemos mais e partilhamos melhor. Além disso, a partilha da vida com os outros faz que nos apropriemos do primeiro meio de evangelizar, que é o *contato pessoal*: uma vida pobre, que não necessita de demasiados instrumentos e, todavia, é eficacíssima, seguindo nisso o bom pastor, que deu sempre a primeira importância ao encontro com as pessoas;
- *sinal de relação*. Isso comporta: promover uma evangelização que aprofunda a relação entre o mundo e a fé, entre a vida social e a vida de fé, entre a política em sentido amplo e o Evangelho; formar para o compromisso sócio-político e cultural, segundo as orientações da doutrina social da Igreja e segundo a visão franciscana da pessoa humana, do poder, da paz, dos bens, da natureza; zelar pela colaboração com a OFS e a Jufra, sobretudo no esforço pela promoção humana e pela presença no social, também em forma de serviço organizado; envolver os professores, as pessoas de cultura e os políticos, estimulando-os a assumir os valores do Reino e interessando-os a participar ativamente em projetos abertos e solidários da paróquia;
- *sóbrios e alegres*. Isso quer dizer: não confiar nos meios poderosos e caros, nem mesmo para obras humanitárias ou de desenvolvimento social, preferindo antes meios pobres, também para

ser uma denúncia profética da forma de adoração aos ídolos do mundo consumista; além disso, cuidar da cultura da sobriedade, do essencial, com a conseqüente alegria que se origina da liberdade das coisas;

- *pobres*. Recordando-se de que a vida religiosa é uma “exegese viva” da página evangélica sobre o juízo final (cf. Mt 25,31ss), os Frades que servem na paróquia cuidarão dos famintos, dos sedentos, dos forasteiros, dos doentes, dos encarcerados e dos que passam necessidade. Essa atenção aos pobres, “que são nossos mestres” (CCGG 93 §1), será levada não tanto em forma de assistência social, mas de aproximação, de presença, de escuta, de promoção humana, de organização com a participação de todos, de solidariedade em diversas formas. Prioritariamente, trata-se de ir ao encontro, de dedicar tempo, de gastar energias de mente e de coração, a fim de procurar juntos as soluções dos problemas. E isso será possível se a paróquia viver “livre de entraves e de dependências”, “pobre e amiga dos mais pobres, acolhedora de qualquer forma, antiga ou nova, de pobreza”⁵⁸. Uma atenção especial será reservada à realidade dos “sem”: sem trabalho, sem terra, sem teto, sem documentos, sem educação, e também dos drogados, dos portadores de AIDS, daqueles que são obrigados a se prostituir, de pessoas ou categorias sócio-culturais rejeitadas por aqueles que dirigem a política. O espírito que deve animar todo esse esforço constitui nosso *proprium*, que é viver no seguimento do Cristo pobre;
- *fermento de fraternidade*, para abrir a comunidade eclesial à realidade circunstante, para ser fermento de fraternidade, de compromisso pela vida, pela paz, pela justiça, pelos pobres, pelo diálogo ecumênico, inter-religioso e inter-cultural, procurando nas outras religiões e culturas “as sementes do Verbo e a secreta presença de Deus” (CCGG 93 §2); para oferecer uma adequada formação aos leigos cristãos em vista de uma presença ativa na sociedade, também com empenho político;
- *cantores da criação*. Para salvaguardar a criação, uma paróquia animada franciscanamente deverá particularmente elevar a voz contra a depredação feita contra *nossa irmã, a mãe terra*, fazendo próprias as atitudes que a valorizam e a respeitam, seguindo

o exemplo de Francisco, que a contemplava e cantava como um ostensório da beleza de Deus;

- *no amor do Senhor*. Antes de qualquer iniciativa e envolvimento, deve-se sempre lembrar que somente quem vive no amor do Senhor é capaz de atrair e servir de maneira eficaz às pessoas, sobretudo, aos pobres e necessitados. Afinal, em seu amor se ativa a sua força, a única a dar eficácia a qualquer ação pastoral que “não se fundamenta nas capacidades humanas, mas no poder do Ressuscitado”⁵⁹.

Sugestões para a reflexão sobre esta dimensão

1. Ler, meditar e confrontar-se:

- *Mt 5,1-12; 6,24-34; 20,24-28; Fl 2,1-11.*
- *RB 3,10-14; 5; 6; RnB 4; 5; 6; Test 19-23.*
- *CCGG 64-71; 93; 96; 97; Encher..., 120; 121; 149-164; Ratio Formationis..., 22-25; 88; O Senhor nos fala... 28; 35.*
- *Lumen gentium 8; Gaudium et spes 40; Evangelii..., 29; 30; 31; 37; 38; Novo millennio... 49-52; Vida consagrada 82; Repartir..., 36.*

2. Que aspectos dessa dimensão estão presentes na vida da Fraternidade e na da paróquia? Após um discernimento comunitário, assumir ou reforçar algumas iniciativas.

5. Enviados ao mundo inteiro (*missio*)

“Com este intuito ele vos enviou por todo o mundo, para que, por palavras e obras, deis testemunho de sua voz e anuncieis a todos que não há ninguém onipotente além dele” (Ord 9)

O Sínodo sobre a *Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja* recordou-nos que a Palavra tem uma voz, a Revelação; um rosto, Jesus Cristo; uma casa, a Igreja; uma estrada pela qual caminhar, a missão⁶⁰. O próprio Jesus se fez caminho para ir ao encontro de todos e semear a si mesmo no coração da humanidade, como Palavra do Pai. Atrás dele, seguindo seus passos, todo o missionário do Evangelho percorre as estradas do mundo para a sementeira evangélica. Assim foi para Francisco que, na estrada, viu um eficiente *púlpito* para a proclamação da Palavra de Deus.

Se para sermos discípulos do Senhor é preciso permanecer com ele, ouvindo e guardando sua Palavra; para tornar-nos seus apóstolos é preciso ir em seu nome. Desse modo, *permanecer* e *ir* estão ligados por um relacionamento vital, e os dois momentos se tornam mutuamente indispensáveis: para podermos ir e anunciar, é preciso permanecer com a Palavra; e, da mesma forma, permanecer com a Palavra põe em movimento os pés para ir anunciá-la.

1. A FRATERNIDADE VIVE A MISSÃO

Para Francisco, a finalidade da Ordem por ele fundada foi clara desde o início: “Ide, caríssimos, dois a dois pelas diversas partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados” (1Cel 29,3). E eram apenas oito! E não abandona tal convicção nem diante do insistente convite do Cardeal Hugolino para que circunscrevesse sua ação: “Senhor, julgais que o Senhor tenha enviado os irmãos somente para estas províncias? Ora, digo-vos em verdade que o Senhor escolheu e enviou os irmãos para proveito e salvação das almas de todos os homens do mundo inteiro” (CA 108,43-44 = *Legper* 82).

É exatamente ligando-se às origens e recordando as grandes fileiras de missionários que, no decurso dos séculos, encheram a terra com o Evangelho de Cristo, que hoje a Ordem se percebe como uma Fraternidade-contemplativa-em-missão: uma Fraternidade que, enquanto

60 Cf. *Mensagem* final do Sínodo dos Bispos, 2008.

permanece com Deus, continua a ser Fraternidade de menores enviada a levar a Boa Nova ao mundo inteiro; uma Fraternidade que se põe a caminho com o mesmo programa de Jesus, que se resume num “coração que vê”⁶¹, convencida de “que na profundidade do coração dos homens, das culturas e das regiões há sede de água viva”⁶².

Em 1982, dirigindo-se aos Frades que se reuniam para a missão urbana de Roma, João Paulo II pronunciou as seguintes palavras: “Ide também vós ao encontro dos homens e das mulheres de nosso tempo! Não esperéis que eles venham a vós! Procurai vós mesmos ir até eles! O amor nos impele a isso. As palavras de Jesus: Ide por todo o mundo..., que conferem à evangelização uma universalidade sem limites, encontram uma admirável correspondência também em vossa espiritualidade, caracterizada pela itinerância”⁶³. No insistente pedido, o Papa simplesmente nos recordou nossa vocação, a de *ir ao encontro*, de não *esperar*, de *procurar* nossos irmãos, realçando que esse dinamismo provém do amor, e até é modelado sobre o comportamento de Deus; afinal, “em Jesus Cristo, Deus não só fala ao homem, mas o procura”⁶⁴.

Uma Fraternidade paroquial vive e administra esse dinamismo missionário como uma exigência própria do amor. Fugindo de qualquer tentação de uma vida intimista, procurará de todas as formas que o imperativo de Cristo – “Ide” – ressoe continuamente na vida e nas obras. Por isso, qualquer programação procurará ter sempre em mente o caminhar de Cristo e de Francisco. Aliás, não é a missão o *paradigma* mais iluminador de toda a pastoral, o exemplar ao qual se ater para qualquer plano e projeto? E mais, não é a missão a “máxima expressão de restituição” que um Frade menor apresenta a Deus pela vocação recebida?⁶⁵.

Não devemos nos esquecer de que, na paróquia, a harmoniosa composição entre o *permanecer* e o *ir* não é fácil. Particularmente, existem os riscos de um permanecer que não se liga à missionariedade. Trata-se de *tensões pastorais* que condicionam a administração franciscana da paróquia, anuviando os horizontes da Igreja universal e do mundo inteiro. Vejamos algumas:

61 *Deus caritas est...*, 31.

62 JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Asia...*, 18.

63 JOÃO PAULO II, *Discurso aos Franciscanos empenhados na Missão ao povo*, Roma, 15.11.1982.

64 *Tertio Millennio adveniente...*, 7.

65 Cf. *Documento de Córdoba (Argentina)*, Congresso Latino-americano OFM, 2008, 4.

- contentar-se com os fiéis que freqüentam, com a conservação do existente, com o congelamento da tradição, daquilo e de como sempre se fez;
- permanecer “fechados” nas sacristias e nos conventos, reduzindo a pastoral unicamente à celebração dos sacramentos;
- ocupar-se demais com os aspectos secundários que correm o risco de se tornarem verdadeiros perigos, “como os da burocratização, do funcionalismo, do democratismo, da planificação mais gerencial do que pastoral, acumulando, não raro, o peso de um acúmulo de estruturas nem sempre necessárias”⁶⁶;
- gastar demasiadas energias no fazer, no organizar muitas iniciativas, e muito poucas em formar as pessoas;
- enfatizar a dimensão clerical do carisma franciscano;
- não desenvolver a caracterização franciscana na gestão da paróquia.

Exatamente para evitar os riscos da pastoral de conservação e de fechamento, de homologação e ênfase de alguns aspectos periféricos, a Fraternidade paroquial deverá efetuar uma espécie de *revolução copernicana*, recuperando com coragem as dimensões típicas de nossa espiritualidade, e permanentemente querer assumir o *estilo franciscano da missão*, recordando sempre que a missão evangelizadora é a razão de ser da Ordem, de forma a se tornar:

- *Uma Fraternidade atraente*, pelo testemunho de vida que torna visível e fascinante a pessoa de Jesus, primeiro missionário do Pai, difundindo o perfume e o desejo da santidade, de que as pessoas sentem tanta necessidade; pelo esforço dos Frades de, antes de mestres, serem verdadeiros testemunhas do Evangelho, vivendo na bem-aventurança da correção fraterna e do “estar sob os pés dos outros” (Ad 19,4). Uma Fraternidade consciente de que a primeira opção pastoral é a santidade, a ser vivida e proposta por meio de uma alta medida da vida cristã⁶⁷.
- *Uma Fraternidade a caminho*. Uma Fraternidade capaz de testemunhar, pois enquanto, por um lado, atrai os fiéis, por outro, é solicitada pelo desejo e pelo esforço de ir ao encontro das famílias que não vão à paróquia: para ouvi-las, encorajá-las, mostrar-lhes solidariedade e partilhar a própria fé; atraída por

66 O Presbítero, *pastoral e guia da comunidade...*, 29.

67 *Novo millennio ineunte...*, 30-31.

quem vive situações de doença, de dor, de marginalização e que, talvez, não tenha outros ouvidos nos quais depositar seu sofrimento e dos setores ainda não iluminados pela luz do Evangelho, como o mundo da comunicação, da arte, da cultura, da economia, da política e do espetáculo⁶⁸. Numa palavra, uma Fraternidade que se sente enviada pelo seu Senhor, tendo “os pés calçados, prontos para anunciar o Evangelho da paz” (Ef 6,15) e no coração o desejo de doar a fé, que “se reforça ao ser doada”⁶⁹.

- *Uma Fraternidade acolhedora*, capaz de celebrar verdadeiros encontros humanos e espirituais, de oferecer calorosa acolhida, começando pela escuta, pelo sacramento da Reconciliação e pelo ministério do consolo. Uma Fraternidade que sabe acolher também quem está além dos horizontes da Igreja: afinal, “a vida consagrada não pode contentar-se em viver na Igreja e para a Igreja. Ela se inclina com Cristo para as outras Igrejas cristãs, para as outras religiões, para cada homem e mulher que não professa convicção religiosa alguma”⁷⁰.
- *Uma Fraternidade profética*. Seguindo o exemplo de Francisco, que “de todo o corpo fizera uma língua” (1Cel 97,4), proclama com a vida fraterna, com a liturgia, com a programação comum da Palavra que “convida”, que propõe o bem e o belo, que ilumina os valores da vida; levanta-se em favor dos pobres, emprestando a própria voz a quem não a tem; denuncia com coragem os males do mundo com “a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus” (Ef 6,17); realiza gestos novos, hoje particularmente eloqüentes, porque alternativos aos gestos dominadores: mudança de estilo de vida para uma sobriedade mais evangélica, opção por meios pobres, vizinhança concreta aos marginalizados, solidariedade com os fracos.
- *Uma Fraternidade com as “portas” sempre abertas*, que sabe harmonizar os horários conventuais ao ritmo da vida do povo. Uma Fraternidade que, porque peregrina e forasteira, nutre uma inata simpatia pelos peregrinos e forasteiros, por quem se perdeu no complexo viário da vida ou que perdeu o alento à margem da existência.

68 Cf. *Redemptoris missio...*, 37.

69 *Redemptoris missio...*, 2.

70 *Repartir de Cristo...*, 40.

2. A FRATERNIDADE MISSIONÁRIA CONSTRÓI A PARÓQUIA MISSIONÁRIA

Sendo composta de Frades, missionários por vocação e por carisma, a Fraternidade paroquial vive no horizonte universal da missão, animada pelo desejo de que todos os habitantes do território paroquial conheçam a Cristo e experimentem seu amor. Consciente de que, hoje, a evangelização deve ser “nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão”⁷¹, pretende viver um renovado *dinamismo missionário franciscano* a ser infundido na evangelização paroquial, de maneira a se tornar:

- *Uma paróquia de missionários.* Na Igreja, que, “no decorrer da história, continua a missão do próprio Cristo”⁷², a paróquia quer construir dentro de seus limites uma porção do Reino de Deus, comprometendo-se com a reconciliação, o perdão, a paz, a acolhida aos estrangeiros, a justiça, a verdade. De maneira particular, a Fraternidade evangelizadora partilha sua consciência, sua espiritualidade e seu dinamismo com a comunidade eclesial, para transmitir aos cristãos a consciência de sua vocação missionária, para despertar e promover vocações para as missões *ad extra*. Assim, evangelizados, os leigos se tornam, por sua vez, evangelizadores, missionários na própria paróquia e *ad extra*. Uma paróquia de missionários assume cada dia estas três atitudes: ouvir, acolher, ir.
- *Uma paróquia onde ressoa o primeiro anúncio do Evangelho.* Afinal, “o anúncio tem a permanente prioridade na missão”⁷³. Uma paróquia que, deixando-se “invadir pelo ardor apostólico da pregação apostólica que seguiu Pentecostes”⁷⁴, põe o *primeiro anúncio* como pedra angular do projeto de evangelização. E exatamente porque a fé é gerada pelo primeiro anúncio, a paróquia volta-se sobretudo para quem não o conhece, como os membros de outras religiões, ou não o aceita ainda, ou o abandonou, esqueceu-o ou ainda está avaliando sua opção diante daquela espécie de “mesa” das religiões, hoje particularmente abundante. E, ao lado do primeiro anúncio, como seu natural desenvolvimento, jamais pode faltar a “memória escatológica” do advento glorioso do Senhor, do futuro que enche o presente

71 JOÃO PAULO II, *Discurso na Assembléia do Celam, Haiti, 9.3.1983.*

72 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 852.

73 *Redemptoris missio...*, 44.

74 *Novo millennio ineunte...*, 40.

de esperança e, sobretudo, lhe dá sentido.

- *Uma paróquia da boa comunicação*, através de uma *linguagem compreensível* e sempre mais adaptada a um anúncio eficaz, narrando a Palavra de Deus nas palavras do homem de hoje. Uma paróquia que, convicta de que o diálogo é o método privilegiado de evangelização, vê nele um verdadeiro campo de treinamento para a abertura, para a capacidade de escuta, para a acolhida e a integração do diferente, respeitando sua identidade. E para que tal comunicação possa acontecer, como dizia Paulo VI, é preciso “olhar o mundo com imensa simpatia”⁷⁵.
- *Uma paróquia família*, que estimula a transmissão da fé na família, a “Igreja doméstica”⁷⁶, construindo a comunidade paroquial sempre mais como uma família aberta e acolhedora, articulada nos diversos papéis e ministérios, sobretudo leigos, onde cada um pode encontrar um adequado espaço para sua vocação e para a concreta possibilidade de colocar à disposição os próprios dons, que são manifestações da presença do único Espírito; onde a evangelização envolve todos os membros do Povo de Deus, incitando-os que a viver e praticar seu sacerdócio batismal, iniciando com a transmissão da fé, por parte das famílias cristãs; onde os responsáveis aprendam “da boca de todos os fiéis, porque o Espírito Santo sopra em cada fiel”⁷⁷; onde cada um se empenha em prol da unidade, que jamais será uma uniformidade, mas integração orgânica das legítimas diversidades.
- *Uma paróquia do claustro “sem limites”*, que desenvolve uma colaboração concreta com algum *projeto* de missão *ad gentes*, preferentemente com os *projetos* da Ordem, estimulando a formação de grupos missionários no seio dos quais tornar conhecida aquela espécie de “catecismo missionário” que são os numerosos textos do Magistério e da Ordem voltados para a missão. Uma vez formados, os leigos podem até nos ajudar a repensar as formas através das quais se expressa o trabalho missionário.
- *Uma paróquia sensível e apaixonada: voltada para os pobres de todo o tipo* que estão no território, promovendo formas de servi-

75 PAULO VI, *Discurso na gruta de Belém*, 6.1.1964.

76 JOÃO PAULO II, *Familiaris consortio*, Exortação apostólica, 1981; cf. *Ecclesia in Africa...*, 63 e 92.

77 Cf. *Novo millennio ineunte...*, 45.

ço e de caridade para os menos afortunados; no *serviço da paz*, vivendo sua função de instrumento da paz do Senhor; e *da reconciliação* entre aqueles que estão divididos, entre as diferentes culturas e com a mãe terra; *voltada para toda a criatura* na qual vê refulgir a imagem de Deus, vivida no reconhecimento alegre do Criador.

- *Uma paróquia com o coração de Francisco*: onde brota a *perfeita alegria* por sentir-se “pequeno rebanho” guiado pelo bom pastor, entregando-lhe com confiança a caminhada e a vida da paróquia, consciente de que acima dos planos pastorais vigora a certeza de sua promessa: “Estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20).

Sugestões para a reflexão sobre esta dimensão

1. Ler, meditar e confrontar-se:

- *Mt 28,16-20; Jo 20,19-23; At 1,6-8.*
- *RnB 16,1-13; RB 12, 1-4a.*
- *CCGG 116-118; Encher..., 143-148; 165-175; RatioFormatio-nis..., 32-33; 84; 85; 90, O Senhor nos fala..., 33; 36; 37.*
- *Ad Gentes 1; Evangelii..., 51-56; Redemptoris missio 33-34; 37-38; 71-74; Vida Consagrada 77; 97-103; Repartir..., 37-38.*

2. Que aspectos dessa dimensão estão presentes na vida da Fraternidade e da Paróquia? Após um discernimento comunitário, assumir ou reforçar algumas iniciativas.

